

**II JORNADA DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS  
EM FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL E PRÁTICA  
EM PSICOLOGIA (LEFE)**

**1 de abril de 2016**

**ANAIS DE MESAS-REDONDAS**

Dr. Paulo Eduardo R. A. Evangelista  
Dra. Henriette Tognetti Penha Morato  
(orgs.)



Laboratório de Estudos  
em Fenomenologia Existencial  
e Prática em Psicologia

**SÃO PAULO, 2016**

**II JORNADA DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS EM FENOMENOLOGIA  
EXISTENCIAL E PRÁTICA EM PSICOLOGIA (LEFE)**

**1 de abril de 2016**

**ANAIS DE MESAS-REDONDA**

Organização

Dr. Paulo Eduardo R. A. Evangelista

Dra. Henriette Tognetti Penha Morato

Catlogação na publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Jornada do laboratório de estudos em fenomenologia  
existencial e prática em psicologia – LEFE (2. : 2016 : São  
Paulo)

II Jornada do laboratório de estudos em fenomenologia  
existencial e prática em psicologia – LEFE / organizado por Paulo  
Eduardo R. A. Evangelista e Henriette Tognetti Penha Morato. --  
São Paulo, LEFE, 2016.

46 p.

ISBN: 978-85-86736-68-1

1. Fenomenologia existencial 2. Prática psicológica 3. Pesquisa em  
psicologia I. Evangelista, Paulo Eduardo R. A.,org. II. Morato,  
Henriette Tognetti III. Título

B818.5

## **I. Pesquisas em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia**

<b>Por entre Plantão Psicológico e Ação Cartográfica Clínica .....</b>	<b>03</b>
Prof. Dra. Henriette T. P. Morato - <i>hmorato@usp.br</i>	
<b>O que pode um psicólogo fenomenológico-existencial? .....</b>	<b>16</b>
Dr. Paulo Eduardo R. A. Evangelista - <i>paulo.e.evangelista@gmail.com</i>	
<b>Atendimento psicológico online .....</b>	<b>20</b>
Luciana Ruffo - <i>luruffo@gmail.com</i>	

## **II. Experiências em Prática Psicológica**

<b>O estágio de atendimento nos anos iniciais: experiência com plantão psicológico .....</b>	<b>23</b>
Dr. André Prado Nunes - <i>andreprn@usp.br</i>	
<b>Plantão Psicológico na graduação: um relato de experiência .....</b>	<b>27</b>
César Dias Oliveira - <i>cesar.cdo@gmail.com</i>	
<b>Incursões no Departamento Jurídico: um exercício de (re)cartografar .....</b>	<b>31</b>
Gabriel Alex Silva - <i>gabriel_alexsilva@hotmail.com</i>	
<b>Experiência como supervisora de campo no Departamento Jurídico a alunos do segundo ano da graduação .....</b>	<b>34</b>
Andréa Morganti - <i>deamorganti@hotmail.com</i>	
<b>Experiência de Tutoria: uma forma de olhar e transitar pelos diferentes projetos .....</b>	<b>37</b>
Ana Laura R. Azevedo - <i>analaura.r.a@hotmail.com</i>	
<b>Projeto HU: Um relato das experiências, possibilidades e dúvidas do plantão .....</b>	<b>41</b>
José Barbosa - <i>jose.barbosa.silva@usp.br</i>	
<b>Relato de experiência no plantão psicológico: Uma renovação do olhar .....</b>	<b>43</b>
Morgana Vaz Dantas - <i>vaz.morgana@gmail.com</i>	
<b>Outras comunicações apresentadas na II Jornada LEFE .....</b>	<b>45</b>

# I. Pesquisas em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia

## **Plantão Psicológico e ação cartográfica pelos “Caminhos de Floresta”: acontecer clínico?**

*Henriette T. P. Morato – IPUSP/Brasil*

**Atendimento em Plantão Psicológico:** *Somos convocados a atender, responsabilizando-nos por oferecer uma sombra de uma árvore grande para que aquele que pro-cura poder parar por alguns instantes, refletir acerca de emergências para des-ocultar demanda/urgência, e retomar o caminho que deseja trilhar. Somos neste sentido plantas grandes que oferecem alguns minutos de sombra, descanso e possibilidade de reflexão: somos então, cada um de nós, plantões. A palavra plantão não é utilizada de forma aleatória. Ela possui outro sentido neste contexto. Ela remete à ideia de um profissional que espera por alguém que sofre num certo período de tempo constante, sem saber quem vai encontrar, qual é a demanda que levou esta pessoa a procurar um atendimento. Convocados a atender e responsabilizar-nos por oferecer sombra de árvores para que aquele que procura por si possa retomar um caminho necessário, os plantonistas enquanto grupo se constitui como uma floresta habilidosa atentando para o cuidado com o homem no mundo entre homens, na medida em que trabalha coletivamente.*

É nessa medida que procede discutir-se a modalidade de Plantão Psicológico como possível prática como *locus* da clínica-escola em instituições formadoras de psicólogos, contribuindo à ação clínica necessária em saúde e educação na realidade brasileira. Trata-se de proposta que, tanto na teoria quanto na prática, demanda desafios a serem enfrentados no âmbito da comunidade acadêmica e científica, podendo implicar em reformas curriculares e de diretrizes na formação do psicólogo, já em debate por entidades de classe e representações acadêmicas.

O Atendimento em Plantão Psicológico é uma ação que, originariamente, é clínico-investigativa, pois busca esclarecer, junto àquele que sofre, uma demanda a partir dele mesmo, na tentativa de abrir possibilidades para que ele se responsabilize pelo seu próprio cuidado. Por *responsabilizar* quer-se dizer *responder a*, aqui utilizado no sentido de *conduzir-se por*. Nessa medida, é trabalho do plantonista relançar no próprio discurso do cliente aquilo que se apresentou a ele como urgência.

O sofrimento, ou aquilo que é de fato urgente, circula de modo muito sutil e pouco nítido: essa "imprecisão" é característica à urgência, visto que sua linguagem fala daquilo que ao mesmo tempo é familiar e estrangeiro; o que urge ao cliente é ambíguo. Nem sempre ele sabe nomear o que sente, permanecendo imerso em sua angústia. É essa disposição afetiva que o coloca em movimento na busca por um sentido para o que sente, revelando que a angústia mesma é possibilidade de abertura para buscar outros rumos pertinentes à existência.

Nessa direção, disponibilidade e atenção para as afetações são o fio que conduz o plantonista à ação. Atento a afetações possibilita o plantonista a comunicar

interpretações que aproximem o que emerge daquilo que é urgente. O inexorável fato de ser afetado pelo outro desabriga e coloca o plantonista em um lugar desconhecido, levando-o a um *não saber* ao impeli-lo na direção do *saber do outro*.

Se ser afetado é a matéria-prima da ação clínica, ser plantonista exige uma disponibilidade para a "dimensão das afetações", para legitimar as compreensões que têm origem na experiência da escuta do outro. Afetação, quando bem cuidada, pode desvelar a compreensão e comunicação dos sentidos que no outro estão ainda por vir.

Pela perspectiva fenomenológica existencial, encaminha-se partindo do *aparecer* dos entes como desdobramento da temporalidade e existencialidade dos humanos enquanto *Ser-aí*, dada a ver pelo modo como o plantonista compreende e responde ao que lhe vem ao encontro. Nessa medida, o olhar cuidadoso àqueles que buscam o Plantão implica cuidar de ser pelo plantonista. É pela atenção e cuidado daqueles que se aventuram como clínicos, estribando-se pela afetabilidade, é que se abrem possibilidades de ser clínico ancorado na própria existência. É tarefa do ser **plantonista cuidar do cuidar de ser** como modo de ser fundamental do *Ser-aí*. Ser no mundo junto às coisas com outros revela o cuidado como tarefa fundamental. Clinicar seria debruçar-se ou inclinar-se para poder apreender e escutar aquele que precisa de cuidado em mal estar. Ser clínico se mostra pelo modo da solicitude<sup>1</sup>, fundamentada na escuta: compreensivamente mover-se no âmbito do ser-com, pois o outro é sempre alguém com o qual o psicólogo profissionalmente se pre-ocupa; solicitude não é ocupação, mas pre-ocupação.

Em instituições onde ocorre fora do âmbito acadêmico, revela que as divisões teóricas ou disciplinares são fronteiras interpostas por um modo tradicional de compreensão da área e do campo. Na prática, fronteiras existem, mas é a disponibilidade do profissional que torna possível a passagem/trânsito, legitimando projetos e ações interdisciplinares. Desta forma, iniciar-se no Plantão fora da clínica-escola, através de projetos de extensão e pesquisa, oferece ao aluno mais facilmente a possibilidade de compreender o sentido dessa modalidade de prática psicológica: em instituições, que possibilitam revelar seu caráter como metodologia interventiva, ou seja, a cartografia como olhar ao redor e reconhecer-se no e pelo contexto demandante por intervenção psicológica (MORATO, 2009 a e 2009 b). Nessa direção, oferece-se como investigação propícia a pesquisas que exploram a atenção psicológica como ação clínica demandada em diferentes contextos de instituições e organizações de saúde e educação na realidade social brasileira.

Transitando pela experiência, os alunos mostraram como uma desconstrução de modos estritos de saber como conhecimento legítimo poderá, ao mesmo tempo, construir uma compreensão para o próprio sentido de Plantão, para além das fundamentações teóricas implicadas na sua origem. A prática para a formação não se restringe ao exercício e à aplicação do conhecimento formal: o conhecimento tácito institui desafios e movimenta o plantonista iniciante, desalojando-o e pro-vocando reflexões pelo vivido. Legitimando-se pela prática vivida, revelam que a experiência necessita ser legitimada como via fundamental para a aprendizagem, sem, contudo

---

<sup>1</sup> *Solicitude* diz respeito a *procurar*: composta pelo prefixo *pro*, que se refere a projeto no sentido de *proyectum*, traduzido por lançado adiante e por *curar*, em sua concepção de cuidar. Sendo o ser-aí é sempre projetivo, na acepção de lançar-se adiante em direção a possibilidades, equivale a dizer que o homem é um realizador de possibilidades, sempre conjuntamente com outros.

esquecer-se de que também solicita tematização, o que também puderam apresentar. E aí surge um espaço fundamental para esse fazer saber que se mostrou: atenção e cuidado dirigidos ao plantonista iniciante em supervisão acompanhá-lo em seu trânsito a caminho de ser clínico de modo próprio como acompanhante de jornada junto a outros.

Embora compreendido pela perspectiva fenomenológica existencial, o Plantão mais do que con-formar-se por essa compreensão, possibilita ao aluno refletir sobre um modo de ser clínico. Assim, não importa se o aluno continuará a ser plantonista ou se o referencial fenomenológico será sua direção. Não é esta a questão. A formação de ser clínico diz de **formação via práxis**, desvelando-se uma ação clínica ética e política.

Plantão Psicológico não é uma técnica e não é para ser uma técnica. A experiência de se questionar “é ou não é plantão” é o desalojamento necessário para dar-se conta que Plantão acontece no não esperado: estar disponível ao inesperado necessário. Nesse sentido, legitima-se a possibilidade de ocorrência de Plantão Espontâneo (MORATO, 2006 b). A formação do plantonista implica criar situações para desalojamento, fora do lugar fixo tradicional do ser psicólogo, promovendo aprendizagem significativa pela experiência encarnada.

Tendo sido possível pensar o Plantão Psicológico como modalidade prática psicológica em instituições articulando-o com aprendizagem significativa, creio ser chegado o momento de aproximá-lo de ação clínica. Embora muito já tenha sido apresentado, gostaria de retornar à cartografia clínica constituinte da ação do Plantão, dado que ela se oferece como elemento possível para essa aproximação. Assim, retomo trechos de trabalhos nos quais ela foi refletida apontando essa direção.

Compreendida como constituir-se uma etapa inicial de intervenção em cada projeto, a cartografia nela não se encerra, na medida em que se manifesta, constante e presentemente, para o psicólogo como uma **atitude cartográfica**, desde sua entrada no contexto da instituição. Tal atitude possibilita e engendra ações clínicas pertinentes, contextualizadas e reflexivamente refletidas.

A atitude clínica procurava esclarecer a possibilidade de mudança do termo postura por atitude. Enquanto o primeiro refere-se a características especialmente do corpo para certos propósitos, o segundo diz de um modo de se dispor indicando humor ou ação, disposição para agir em direção a pessoas, grupos, situações, certa inclinação para aprender e compreender; diz de uma atenção cuidadosa. Assim, refere-se mais propriamente ao modo como os plantonistas trazem o Plantão junto a si de maneira radical, na medida em que sustentavam a tensão entre fala/escuta tensional entre ele e o outro, como atitude ao *modo clínico de ser junto a*.

Nessa direção, havia uma cumplicidade de todos irmos à instituição para a ação cartográfica para, a partir dela, refletirmos como intervir. Assim, experienciamos desde as Casas Abertas para Crianças em situação de rua; Tribunal Regional do Trabalho de SP; Projeto Esporte Talento-CEPEUSP; PM (2 Companhias e Chefia da região oeste); DP's (51º); Departamento Jurídico XI de Agosto; Fórum do Brás nas Varas Especiais do DEIJ; FEBEM/Fundação CASA: Unidades de Internação 27, 28, 26, 37, 38, Pirituba, do Complexo Raposo Tavares; Unidades de Internação: 5, 16 e 19 do Complexo Tatuapé, Unidades de Acolhimento Inicial 34, 35 e 36 no Complexo Brás; no HU, no Mutirão, no CRUSP.

Ao longo do trabalho, outras formas de situações para ocorrência de atenção psicológica se revelaram possíveis para o sujeito poder explicitar angústias, pertinentes ao pertencer e agir em diferentes situações de co-existência coletiva, caracterizando a intervenção realizada como prática psicológica através de um modo de atenção própria

e específica do psicólogo: a presença de atitude clínica. Configuraram-se, por ela, lugares não apenas de busca direta de alguém, mas de legitimação de ação espontânea de dizer acerca do sofrimento, vivido por atores sociais, tanto para questões particulares, como pelo vivido em comunidades ou instituições. Poderia ser este modo de agir desvelador da dimensão ético-política na prática psicológica em instituições? Uma questão a ser refletida... (MORATO, 2009 b).

Se essa compreensão foi se apresentando como o modo de compreender as intervenções realizadas pelos projetos de Atenção Psicológica em Instituição, simultaneamente foi possível construir uma compreensão da experiência em Plantão como ação clínica. A ação clínica apresenta-se como escuta que chama o dizer, compreendido como “zeigen” – deixar ver, preparando a situação para que ele possa acontecer, possibilitando a abertura para outras possibilidades de ser. Nessa perspectiva, a escuta não se submete à interpretação nem à realização de um atributo como alternativa ou potencialidade; está comprometida com circundar de silêncio o dito para ressoar, de modo que o possível possa figurar-se, desfigurar-se e refigurar-se. Assim, via um silêncio inquietante, convoca o homem, em dívida com aquilo de que ele sempre procurou fugir, a assumir a intransferível responsabilidade de ter que ser si mesmo.

A civilização moderna instrumentou-se para escamotear o mistério, subjugar o inóspito, antecipar-se para controlar o imprevisto, afugentar a morte, mergulhando o homem num mundo técnico que desapropria e desaloja e não oferece ambientação que propicie o acontecer humano. Em tal condição, o existir, convertido em objeto, desenraíza-se de si mesmo, “à medida que, sob o signo da eficiência e da “consumação de ser”, o homem se desencarrega, se des-empenha do existir”.

Desse modo, produções acerca da modalidade de Plantão Psicológico em Instituições se dirigem como alternativas em Aconselhamento Psicológico, mantendo tensão e diálogo entre suas origens constitutivas e o contexto atual. Oferecem-se para a **ação clínica socialmente engendrada** e preocupada com a busca de bem estar: compreender uma práxis psicológica em instituição, campo inicial e privilegiado da constituição do Aconselhamento Psicológico, ao deparar-se com uma prática disciplinar de ajustamento do sujeito aos controles sociais e institucionais em instituições de ensino, empresariais e sociais, presente desde Carl Rogers e Rachel Lea Rosenberg. É nessa direção que a modalidade de prática em Plantão Psicológico em clínica-escola se (des)fecha: invenção e plasticidade.

Mas como poder compreendê-la pela perspectiva fenomenológica existencial, sem que corra o perigo de transformar-se reduzido a uma técnica ou método? Nesse sentido, a compreensão de atitude clínica como um modo de se dispor indicando humor ou ação pode ser um vestígio a ser perseguido para refletir uma articulação possível entre a ação clínica e o Plantão Psicológico.

Recorro a Novaes (2008, p. 7) para encaminhar essa possibilidade. Apresenta como o que surge na situação clínica precisa ser considerado no concreto do qual procede.

Como compreender então a atitude fenomenológica, tal como sugerida por Heidegger, para pensar a partir daí seu exercício clínico? Em um de seus seminários de Zollikon, ele afirma que a fenomenologia lida com algo que é anterior a toda representação conceitual ou vivência emocional (id., 2001, p. 158) a este “método” como um “envolver-se de modo especial na relação com o aquilo que nos vem ao

encontro”, pois “faz parte da fenomenologia o ato de vontade de não se fechar contra este envolver-se”. Ao invés de qualquer tentativa de objetivação, “aguardemos” (*wartem*) pela sua essência. Este “aguardar”, no entanto, não se pode confundir com “ter expectativas” (*erwarten*), pois a expectativa já tem a priori um objeto pelo qual espera. O aguardar, tal como proposto, não tem qualquer objeto, simplesmente “aventura-se no próprio aberto...” (ibid., p.43). O aguardar sem nada representar conduz à própria abertura de sentido do ser. A serenidade vem da própria abertura, consiste no aguardar sereno através do qual experienciamos o pertencimento de nossa essência à abertura.

Novaes apresenta como recorrer à atitude fenomenológica fornece uma referência “fértil” à diversidade da prática psicológica, por provocar diferentes modos de disposição ou atitude para compreensão de sentido no que se dá a ver no cotidiano humano de psicólogo e cliente. Refere-se a um “deslocamento de si” que

[...] nunca se reduz à simples mudança de ponto de vista teórico, trata-se de uma verdadeira transformação existencial, pois implica uma desestabilização e “des-identificação” dos nossos modos cotidianos de ser. Numa linguagem fenomenológica, diríamos que se trata de suspender os preconceitos intelectuais e afetivos da atitude cotidiana de ocupação utilitária de si e do mundo, para deixar vir ao encontro aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si, em suas múltiplas possibilidades de sentido. (NOVAES, 2008, p. 8).

Ou seja, trata-se de referencial ôntico, não podendo ser reduzido à estrutura existencial ontológica; contudo, pode dar-se por uma compreensão fenomenológica hermenêutica da existência. Diz de pensar por essa ótica como desapego a considerações prévias, pois “a atenção serena seria uma disposição de abertura que não exclui por princípio possibilidade alguma, nem mesmo aquela da intervenção técnico-científica, embora aqui já descaracterizada em sua pretensão de hegemonia e superioridade.” (NOVAES, 2008, p. 9). Contudo, a atitude clínica pode perseguir a atitude fenomenológica como possibilidade humana por se dirigir também à investigação da experiência, pela disposição da “serenidade” proposta por Heidegger. Na verdade, “estranhamento” e “consentimento” podem ser compreendidos como momentos estruturais na unidade dinâmica da atitude fenomenológica. Essa dinâmica de “des-dobramento” do ser, inerente à existência, pode realizar-se numa infinidade de modos e graus de intensidade, ou apropriação, na prática clínica. Caracteriza-se como espaço de explicitação da experiência existencial, a sessão de supervisão pode ser caracterizada como espaço de explicitação da própria experiência de escuta e/ou intervenção clínicas. (NOVAES, 2008, p. 11).

Pela perspectiva fenomenológica existencial, experiência diz do modo de abertura do *Dasein*, referindo-se a ser afetado (*Befindlichkeit*) e “transformado” pelo que lhe vem ao encontro desalojador e dramático<sup>2</sup> no mundo com outros. Diz da atitude cartográfica do ser clínico.

Para Barreto (2008), na ação clínica, o encontro dá-se pelo falar e escutar a quem busca por sentido de sofrimento vivido em vários contextos: consultório psicoterápico, instituições de saúde e/ou de educação ou de um hospital; supervisões. Por esse encontro, a dimensão fenomenológica da experiência, que já inicia seu

---

<sup>2</sup> Drama: condição ou situação ou série de eventos envolvendo conflito intenso de forças. Do Grego, *dran*, agir, fazer, *drainein*, pronto a fazer.



trânsito, mesmo em um sentido ainda não des-velado. A escuta atenta e o disponibilizar-se do psicólogo, se apresentam como “ente-à-mão”, dirigindo-se à singularidade daquele que o procura, como modo de cuidar do que demanda ser cuidado: sua própria existência. Nessa perspectiva, a ação clínica se apresenta como modo ôntico possível próprio de cuidar, ou seja, de “ação pré-ocupada” com o acontecer do cliente, atenta ao modo como o cliente vive o seu cuidar de ser.

Procede dizer que cuidar não é especificidade da prática psicológica. Para Barreto (2008), “enquanto manifestação ôntica refere à configuração concreta do modo constitutivo da existência humana que se apresenta como ‘estrutura de cuidar’. Assim, o ser clínico como cuidado remete aos modos possíveis de cuidar num determinado tempo e numa determinada situação. (p. 5). Tal ação abre-se para a escuta de um falar, pro-curando abertura ao que permanece “cego” na sua singularidade. Afinal, o que permanece em familiaridade constante, pode perder sua peculiaridade, por ser necessária uma certa distância para poder ser assim visto e compreendido. Como diz Heidegger (1989, p. 143), “proximidade não é pouca distância”. Diz de atitude cartográfica em direção à ação clínica.

O modo básico de ser é compreendido como cuidado (*Sorge*), e tal cuidado como modo básico de ser do *Dasein* é apenas como preocupação básica (*Besorgen*), se *Dasein* é essencialmente ser-no-mundo, como uso, e no mesmo sentido o modo básico de ser do *Dasein* é solicitude (*Fürsorge*), enquanto como *Dasein* é ser-com outros. No que diz respeito à ocupação, (*Besorge*) refere-se a equipamento, que pode mostrar-se inautenticamente como dominando ou aliviando o cuidado do outro por substituição de seu lugar: “pegando-o no colo”. Contudo, sendo autêntico, pode mostrar-se como “se colocando à frente do outro”, a fim de que como *Dasein* o outro possa retornar a si próprio. Solicitude autêntica permite ao *Dasein* abrir possibilidades a outros *Daseins*, ao invés de impor suas próprias possibilidades a outros, reduzindo-os à dependência. (INWOOD, 1999, p. 36). É nesse sentido que a ação clínica dirige-se a re-colher, e não a-colher<sup>3</sup>, ao sentido de existir como destinação, por entre as tramas de significações no modo cotidiano de viver no mundo.

Assim, é esse sentido que chama pelas formas de cuidado, apontando que o homem tem como tarefa na existência o cuidar de ser, sendo afetado pelo mundo e pelos outros, por seu modo originário de lançado na facticidade do cotidiano. Contudo, sendo abertura a possibilidades implica-se poder-ser por entre elas para encaminhar sua existência destinando-se com responsabilidade e liberdade. Diz de atitude cartográfica implicada na ação clínica.

O homem existe lançado no mundo, na facticidade do cotidiano, enredado nas circunstâncias estruturais já interpeladas pelo público. Tem como tarefa, cuidar da própria existência que se apresenta como pura possibilidade e abertura ao ser. Assim, a possibilidade implica ser livre para o mais peculiar poder-ser: entre a responsabilidade de ser, o homem deve, permanentemente, abrir-se para suas possibilidades, dar-lhes sentido e escolhê-las de modo a encaminhar sua existência. É por essa compreensão que a ação clínica constitui-se numa disponibilidade para acompanhar o outro (cliente) em seu cuidar das suas possibilidades mais próprias, dispondo delas livremente e com responsabilidade (BARRETO, 2008).

Assim refletindo, é possível mostrar como a ação clínica busca pela fala tornar o outro um narrador de si mesmo pela escuta atenta e de um dizer “afetadamente”

---

<sup>3</sup> Penso no gesto que acompanha essas palavras, e a-colher me e-voca “tutela”, *besorge*.

encarnado do psicólogo ao outro, agora ouvinte. Transitando pela escuta e fala, **a ação cartográfica clínica** possibilita ao outro transitar por sua história, e encaminhar-se responsabilmente para o seu próprio cuidar de ser.

Por toda essa compreensão, contemplando a atitude clínica revelada pelo Plantão Psicológico, caberia uma possível abertura à outra compreensão. Em que medida o Plantão, por sua característica de não continuidade e retorno ao plantão com qualquer plantonista, apresenta ruptura do cotidiano, instituindo uma temporalidade kairológica (EVANGELISTA, 2014) para re-colher a possibilidade de transitar pela história e encaminhar-se responsabilmente para o seu próprio cuidar de ser?

De qualquer forma, nesse percurso, a linguagem surge como fundante para a experiência. Para Heidegger (1989) e Gadamer (1997), o ato de nomear pode instalar o ente na clareira do ser e abrir para ele o que aparece como imprecisão e inquietação, já que, originalmente, dizer significa “mostrar”.

Para Nunes (2000, p. 109),

Escuta-se antes de ouvir, silencia-se indo contra a corrente da fala. Escutar é uma forma de perceber compreendendo. Quem é surdo, pode escutar sem ouvir. E quem ouve verdadeiramente, não escuta sons esparsos, sem conexão; percebe o ruído pesado da chuva, o prolongado ciclo do vento, etc. Perceber dessa maneira é compreender, como se compreende o outro escutando-o e como escuta ou ausculta com as mãos, apalpando, aquele que nada vê. Mais do que a minha fala, a escuta de quem me ouve assinala a ocorrência da compreensão. Pode também assinalá-lo o meu silêncio, quando interrompo ou deixo em suspenso o meu discurso para aquele que me ouve.

Desse modo, a ação clínica transita por outra compreensão de Psicologia por enfatizar a dimensão ética dos discursos e da prática psicológica. Assim compreendida, apresenta-se implicada à linguagem como possibilidade de levar algo à luz, trazendo algo para des-ocultação. É por essa vereda que se encaminha o (des)fecho a seguir.

### **Plantão psicológico e ação clínica... acontecimento para cuidar de ser?**

Para Barreto (2008), a hermenêutica como escuta da linguagem na sua essência poética diz de sua força de abertura e fundação, interpretando a palavra sem a esgotar por respeitá-la na sua natureza de permanente reserva. Na situação clínica, o cliente se compreende, dá-se a compreender nessa relação, para si e para o terapeuta, abrindo-se na justa medida para a experiência que deseja expressar.

A ação clínica pode por em andamento o que já é próprio do humano, ajudando-o a “pró-curar” aquilo de que foge: a morada no sentido e o habitar des-cobrindo ele mesmo e o mundo, relançando-o na sua existência, a fim de que pense a própria vida. (BARRETO, 2008, p. 4)

Nessa perspectiva, a ação clínica pode mostrar-se possibilidade para libertar a fala e a ação pelo nomear: des-ocultar a demanda que solicita um habitar sereno pelo dizer-escutar-ouvir-dizer, para sair e encaminhar o poder-ser próprio: liberdado de ser realizador de cuidar de ser para cuidar de ser. E aqui a propriedade da ação clínica pelo plantonista, pois ele escuta não o que é falado, mas sim aquilo que pro-cura para ser escutado com atenção. Para Duarte (2000),

A escuta não é testemunha apenas da abertura originária que me garante a possibilidade de reconhecer o outro em sua alteridade; de modo ainda mais importante, a escuta testemunha a abertura do Dasein para o outro que cada um já traz junto a si e que se manifesta pela voz silenciosa que apenas requer que eu me torne amigo do outro, que eu reconheça o outro que sou enquanto mortal, acolhendo em mim o outro-que-o-humano na antecipação da morte. (...) Apenas uma tal escuta primeira e fundamental a si mesmo, à alteridade que já se é, permite escutar o amigo como outro e, portanto, calar-se diante dele, abstendo-se de ditar-lhe conselhos e indicações quanto ao que verdadeiramente importa em seu existir, tanto porque ninguém está de posse de uma medida universal que pudesse esclarecer o que é objetivamente melhor para o outro, quanto porque "substituí-lo" em seus próprios cuidados e ocupações implicaria dominá-lo e mantê-lo sob o jugo da dependência, ainda que suave. Trata-se do modo da preocupação que concerne ao encontro da "existência do outro" em seu poder-ser mais próprio, e que o ajuda a tornar-se "livre" e "transparente" para o que ele propriamente é (Heidegger vol. 1, § 26, p. 177; 1986, p. 125). (...) Tais considerações buscaram evidenciar que se Heidegger não elaborou uma ética, nem por isto seu pensamento tornou-se surdo para a alteridade. Pelo contrário, o pensamento heideggeriano nos mostra que no resguardo da precariedade o cuidado de si é também cuidado do outro. A consideração do "ser-para-a-morte" como o "modo de ser mais próprio" do Dasein não implica a irresponsabilidade ética para com os outros, mas tem como seu aspecto positivo a liberação da amizade como o modo próprio da relação ética, inspirando um agir cauteloso e resistente a quaisquer sistemas teóricos que definam padrões últimos quanto à moralidade do agir.

Linguagem é essencial ao homem por ser com-versação, envolvendo falante e ouvinte, com-versação que possibilita um encontro estável entre eles que pode persistir por um fluxo de tempo. Assim, nomeando coisas, o mundo se dá a ver como resposta a uma ação pela qual nos responsabilizamos.

No sentido estrito, linguagem como meio de comunicação do que já está mostrado, é *Dichtung*, isto é poesia. *Poesie* tem, assim, um sentido ainda mais estreito que *poiesis*, dizendo respeito mais exclusivamente a versos em contraste com prosa. Contudo, *poesie*, do grego *poiesis*, refere-se a fazer, produzir, que vindo de *poiein*, refere-se à ação de pro-duzir ou fazer algo criativamente. Refere-se a dar nascimento a algo quando se move para fora de seu lugar como algo para tornar-se outro, des-ocultando-se como ação que transforma e continua adiante como possibilidade.

Nessa direção de linguagem e poiesis como des-ocultação, encontro em Benjamin, via Arendt (1987, p. 167-168), uma possível reflexão da articulação com aquilo que é verdadeiro e que se dá ver pelo des-velamento que ocorre na ação clínica. A tradição transforma a verdade em sabedoria, e a sabedoria é a consistência da verdade transmissível.

Por esta reflexão, re-colher um testemunho de quem se narra implica atitude inclinada da ação clínica ao habitar humano na linguagem poética: atitude clínica ética da prática. Por Heidegger (2002a, p. 129),

[...] habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. (...) O traço fundamental do habitar é esse resguardo. O resguardo perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Mostra-se tão logo nos dispomos a pensar que ser homem consiste

em habitar e, isso, no sentido de um de-morar-se dos mortais sobre essa terra. (...) O que se toma para abrigar deve ser velado. Onde, porém, habitar é bem mais um demorar-se junto às coisas.

Mas habitar também diz de construir como pro-duzir, ou seja, conduzir para diante, colocando algo diante do que já vigora, mas que por um lugar abre-se a um deixar-aparecer, no sentido grego de *tékhne*, para que se possa deixar-habitar. “Somente em sendo capazes de habitar é que podemos construir”

Pensando por essa reflexão, em que medida o Plantão Psicológico, como cartografia clínica pela fala poética, pode ser compreendido como verdadeira ação para des-ocultação de quem é aquele que busca por re-velação de uma morada própria pela re-encaminhar-se pela história como cuidar de ser? Poderia o Plantão ser compreendido como acontecimento?

Pro-curar por escuta aponta a fala/linguagem como dar a ver algo. Transitando pela escuta e fala, a ação clínica possibilita ao outro transitar por sua história, e encaminhar-se responsavelmente para o seu próprio cuidar de ser. Assim pensando, como aponta Figueiredo (1993) a fala como ação diz de alguém, permitindo fazer acontecer algo. Já Barreto (2008, p. 5), apresenta o sentido de experiência na concepção de Heidegger:

consiste em ser “afetado” e “transformado” num encontro com o outro na sua alteridade, um acontecimento dramático que supõe o estar instalado num mundo como horizonte de encontros. Esse horizonte, ao mesmo tempo, abre-se para transformações e resiste e se opõe a qualquer captura pelo outro.

Nessa articulação, ela abre possibilidade de algo se apresentar como acontecimento. Mas como compreender?

Acontecimento<sup>4</sup> refere-se a algo que surge (ir)rompendo inesperadamente a trama cotidiana da vida. Diz de uma experiência de des-abrigamento de ruptura e transição, destruindo e fundando mundo ao mesmo tempo: pela fenda que abre na realidade, possibilita a passibilidade ao inesperado possível – o real. Assim, instaura-se por uma temporalidade como “transitar pelo suspenso” entre uma quebra e re-emergência de sentido, fazendo história entre o passado e o futuro. (FIGUEIREDO, 1993).

Nessa medida, podemos compreender acontecimento, como experiência daquilo que é “incompreensível”, pro-voca emoções (medo, prazer, alegria, espanto, horror), vividas como enigma do impossível. É experiência que expõe uma ferida, restando no abismo dessa experiência ela poder ser testemunhada.

E como essa angústia se articula à fala? “Esta fala que acontece ao falante e o coloca à escuta” (FIGUEIREDO, 1993, p. 49), nomeando o enigma à justa distância para ser algo é a fala acontecimental, pois abre ao falante e ao ouvinte o horizonte de visibilidade ao que é. Sendo não representacional, possibilita fazer experiência ao apelo de uma demanda: uma solicitação de fala para que o falante se re-instale na história.

Como apontado acima, “a palavra ‘acontecimento’ significa o que se dá e ocorre enquanto aquilo que se prepara e processa desta ou daquela maneira, ou seja, enquanto se envia e destina.” (HEIDEGGER, 2002 b, p. 54). E se como também dito

---

<sup>4</sup> Do latim *accident-*, *accidens* inoportuno evento, traduzido do grego *symbebēkós*). De *accidere* como cair por terra impingido, *ad-* (para) + *cadere* (cair). Pro-voca emoções.

que a “natureza, o homem, o acontecer histórico, e a linguagem constituem, para as respectivas ciências, o incontornável já vigente”, busco compreender “acontecimento” como *geschehen*, pelo modo de ser historial do humano. Buscando em Inwood (1999), encontro que o termo mais geral para um evento é *Ereignis*, de *sich ereignen*, como acontecer, ocorrer, derivando de *Auge*, olho, anteriormente *Eräugnis*, *eräugnen*, referindo-se a colocar diante dos olhos, tonar visível.

Outro termo é *Geschehnis*, como evento, incidente, acontecimento, de *geschehen* como correr, apressar-se, porém atualmente diz de acontecer. É o termo mais abstrato para “acontecimento”. Procurando pela etimologia de *geschehen*, encontramos uma aproximação a gesto ou *jest*, vindo do latim *gestus*, participio passado de *gerere*, como gerar ou gestar. Indica a ação de um agente como algo heroico ou notável, como “fazer história”. Em que medida o Plantão Psicológico como cartografia clínica diz de um gesto?

O psicólogo, seja numa entrevista de Plantão em clínica-escola ou em cartografia por uma instituição de saúde ou de educação, mantendo-se inclinado à narrativa daquele com quem fala, está sempre in-vestigando a experiência clinicamente, experiência essa que, vindo do mundo com outros, se apresenta enovelada no público, porém sem fio de sentido ao narrador. Em outras palavras, a ação psicológica conduz-se a ir por entre os vestígios do vivido para des-ocultar outras facetas que se mostram nas situações de homens e atores institucionais. Buscando des-enredar a experiência da trama sedutora de significados na qual se encontra, acompanha o cliente testemunhando sua narrativa pela desorientação e desamparo para, junto a ele, sugerir o encaminhar-se para fora de seu sofrimento, levando-se adiante dessa urdidura do público na qual se enroscou. E isso só pode acontecer em experiência em ação, ou seja, quando a interpretação da compreensão pudesse conduzir-se para “fora do perigo”,

Estruturando-se a partir da escuta, a ação psicológica, amparada na perspectiva fenomenológica existencial, conduz-se pela narrativa na prática e na pesquisa, já que ambas dizem de experiência e história que urgem por uma compreensão mais ampla. Na trilha do sofrimento na história, outros modos de seu enfrentamento são perseguidos pela atenção e cuidado psicológicos, sem jamais percorrer modelos clássicos de triagem, amparados no psicodiagnóstico tradicional ou na psicopatologia, nem de intervenção, quase sempre acompanhamento psicoterápico. Apenas emerge no encontro entre o cliente e o psicólogo/pesquisador como testemunha que autoriza e legitima uma continuação da história desse cliente numa dimensão em que possa existir em bem estar e autenticidade. (MORATO, 2013)

E, nessa direção, seria possível associar o **Plantão Psicológico**, como vem aqui sendo apresentado, **à ação cartográfica clínica** instaurando acontecimento? Fica em aberto esse questionamento para ser interrogado... para não cair no perigo de equivocar-me com o des-encobrimento e o interpretar apressadamente. Afinal “talvez por isso nos seja tão difícil adquirir familiaridade com uma questão nascida de uma verdadeira experiência. Para que isso aconteça, é preciso poder espantar-se diante do simples e assumir esse espanto como morada” (HEIDEGGER, 2002, p. 228-229).

Se a metáfora é Plantão como uma grande árvore, **os “caminhos de floresta”** se apresentaram. Os caminhos florestais referem-se à atividade do lenhador empenhado em um labor. Contudo, tais caminhos podem até levá-lo a lugar nenhum, sem que isso seja problema, pois ele já está onde gostaria de chegar. A floresta é sua morada como que fazendo parte do seu ofício. Assim, não há lugares a se chegar nem resultados a serem alcançados, uma vez que já se fixou morada com o que se ocupa

(ARENDDT, 1987, p. 226-227). Habitando a floresta e não com ela se ocupando, o lenhador não busca um fim fora dela em direção à cidade dos homens, pois sempre haverá novas trilhas a percorrer por ela. “Na floresta há certos caminhos que frequentemente se perdem, recobertos de ervas, no não-traçado. A gente os chama de Holzwege” (HEIDEGGER, 2002 b, p. 9)

Pelo Plantão como ação cartográfica clínica não se busca transmitir conhecimento e conteúdos, mas sim oportunizar condições de caminhada junto em trilhas florestais ainda não exploradas, embora cada um siga seu próprio caminho pela mesma floresta: espantar-se frente ao simples, sempre dis-posto ao espanto como morada. Esse é o trabalho do lenhador/plantonista: dis-posição para deter-se no espanto da condição humana de errância. O “homem erra. O homem não cai na errância num momento dado. [...] a errância participa da constituição íntima do ser-aí à qual o homem historial está abandonado.” (HEIDEGGER, 1979 a, p. 340-1). “Somente apropriando-se da instância de mistério e desconhecimento da existência”, os plantonistas podem lançar-se à ação cartográfica clínica, “terreno ambíguo, de mansidão e rigor, do deixar-ser” (HEIDEGGER, 1979 b, p. 219-20) deixando-se ser.

Fundamentalmente, é pelo sentido etimológico de Aconselhamento e de Plantão Psicológico que nossos projetos de extensão e nossas pesquisas caminham. Apresentam-se sendo a possibilidade de continuação de várias histórias, inclusive da própria cultura, quando, homem/homens, inquietamente transitando pelos caminhos da vida, permitem-se deixar-se estar à sombra de uma planta grande que em sua direção inclina suas ramas, sugerindo uma ruptura em sua cotidiana errância a fim de pôr-se mais uma vez em destinação. Sentido esse que pode ter sido perdido ou esquecido ao longo dos tempos...

Se a coordenação da alma, do olhar e da mão é própria do artesão, será que aqui se apresentou como narrativa? Afinal, a relação entre o narrador/plantonista e sua matéria - a vida humana – diz de relação artesanal: sua tarefa é trabalhar a matéria-prima da experiência, a sua e a dos outros, singular e plural, ética e politicamente.

Quem sabe, as metáforas como expressões de narrativas antigas podem se apresentar como a moral desta história abraçando um acontecimento, “como a hera abraça um muro”... **Plantão Psicológico... ação cartográfica... acontecer clínico...**

Como Guimarães Rosa, a cada volta do caminho, personagens humildes, em luta com a expressão recalitrante, procuram definir-se, tentam encontrar o sentido da aventura humana: “Viver é obrigação sempre imediata”; “Viver seja talvez somente guardar o lugar de outrem, ainda diferente, ausente.” “A gente quer, mas não consegue furtar no peso da vida.” “Quem quer viver, faz mágica.” “Da vida sabe-se: o que a ostra percebe do mar e do rochedo.”

Se a metáfora é Plantão como uma grande árvore, os “caminhos de floresta” se apresentaram. Ou, como ouvido pelo plantonista em suas andanças... “Quando a água do mar bate no rochedo, quem sai mais machucado? A água do mar que se quebra ou o rochedo que se desgasta, também perdendo sua forma? Nem a água do mar, nem o rochedo... É o caranguejo que está entre os dois quem se machuca mais...”

E a floresta do Plantão Psicológico, na acontecência de suas veredas, dá a ver possibilidades de ambiência necessária ao existir do “homem em tempos sombrios”. Diz de seguir adiante (*meta*) por este caminho (*hodos*) para per-seguir o ainda não trilhado insinuante da existência humana, embrenhando-se pela floresta adentro. Ou, uma *tekhne* dramática para seguir a caminho de compreensão de algo “trágico”. Ou, ainda, uma “*método logia*” clínica encaminhando ação cartográfica como atenção e cuidado,

ouvindo o lamento do acontecer humano trágico, seguindo por onde e como o trânsito acontece pelas passagens na errância do homem de pés inchados...

Assim não é por uma perspectiva nem filosófica nem teórica que os plantonistas se marcam. Mas, tendo eu me colhendo, es-colhi re-colher atenta e cuidadosamente aqueles que, colhendo-se, es-colheram re-colher atenta e cuidadosamente outros que buscaram colher-se para es-colherem re-colher cuidar de ser para em-caminhare-se ao poder-ser precário pelas veredas da vida. A travessia do ser clínico é assinar em branco a condição humana de estar pronto para ser aquilo que puder ser... com atenção e cuidado... por entre acontecimentos que lhe vem ao encontro... plantonista errante...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, H. **Homens em Tempos Sombrios**. São Paulo: Schwarcz Ltda., 1987.

BARRETO, C. L. B. T. Uma possível compreensão fenomenológica existencial da clínica psicológica. In: **Anais do VIII Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições**. São Paulo: IPUSP, 2008.

DUARTE, A. M. Por uma ética da precariedade: sobre o traço ético de Ser e tempo. **Natureza humana** (versão impressa) v.2 n.1 São Paulo, jun., 2000. ISSN 1517-2430 [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-4302000000100003&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-4302000000100003&script=sci_arttext)

EVANGELISTA, P. E. R. A. Temporalidade kairológica do dasein e plantão psicológico. In: **Anais do II Congresso Luso-brasileiro de Psicoterapia Existencial**, Lisboa, 2014.

FIGUEIREDO, L. C. **Fala e acontecimento em análise**. Percurso, 1993b.

GADAMER, H-G. **Verdade e Método**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 3a. Edição. Tradução de Marcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1989.

\_\_\_\_\_ Sobre a essência da verdade. In: **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979a.

\_\_\_\_\_ O que é isso --- a filosofia? In: **Conferências e escritos filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1979b.

\_\_\_\_\_ A origem da obra de arte. In: **Caminhos de Floresta**. Tradução de Irene Borges Duarte e Filipa Pedroso. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002b.

\_\_\_\_\_ Aletheia (Heráclito, fragmento 50). In: **Ensaio e Conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão; et al. Petrópolis: Vozes, 2002a.

\_\_\_\_\_ Construir, habitar e pensar. In: **Ensaio e Conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão; et al. Petrópolis: Vozes, 2002a.

INWOOD, M. A. **Heidegger Dictionary**. Massachussetts Blackwell Publishers Inc.,1999.

MORATO, H. T. P. Algumas considerações da fenomenologia existencial para a ação psicológica na prática e na pesquisa em instituições. In: BARRETO, C. L. T.; MORATO, H. T. P.; CALDAS, M. T. (orgs.) **Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica**. Curitiba: Juruá Editora, 2013.

\_\_\_\_\_ **Simpósio de Práticas Psicológicas em Instituições - Atenção psicológica: fundamentos, pesquisa e prática**. Recife: UNICAP, 2009<sup>a</sup>, v. 1. p. 1-15.

\_\_\_\_\_ Prática de plantão psicológico em instituições: questionamentos e reflexões. In: BRESCHIGLIARI, J. O.; ROCHA, M. C. (org.) **Serviço de Aconselhamento Psicológico: 40 anos de história**. SP: SAP/USP, 2009b.

\_\_\_\_\_ **Relatório de Pós-Doc**. FAPESP, 2006b.

NOVAES, R. S. Elementos introdutórios para uma reflexão sobre a atenção nas práticas psicológicas clínicas a partir de uma atitude fenomenológica In: **Anais do VIII Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições**. São Paulo: IPUSP, 2008.

NUNES, B. Heidegger e a poesia. **Natureza humana** (versão impressa) ISSN 1517-2430 Nat. Hum. v. 2 n.1 São Paulo, 2000.



## O que pode um psicólogo fenomenológico-existencial?

Dr. Paulo Eduardo R. A. Evangelista - paulo.e.evangelista@gmail.com

A primeira apresentação em *Ser e tempo* do ser da existência se encontra no §9. Nas páginas anteriores Heidegger apresenta a justificativa da recolocação da questão do ser e o primado da existência como fio condutor dessa análise. Encontra-se nessas páginas iniciais também a explicitação de fenomenologia na concepção heideggeriana: “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo.” (HEIDEGGER, 1927/2012, p. 65, §7)

A análise fenomenológica da existência tem esse mesmo sentido: deixar que se mostre a si mesma a partir de si mesma fazendo com que assim seja vista. Para isso, é necessário suspender as ontologias legadas pela tradição filosófica e as determinações do ser do homem delas derivadas, num passo metodológico chamado por Stein de “encurtamento hermenêutico” (STEIN, 1990, p. 20), caracterizado pela eliminação da ontologia teológica, da concepção de verdades eternas e de eu transcendental, assim como pela “forclusão do mundo natural” (STEIN, 1990, p. 21), isto é, afastamento do pressuposto de um mundo sólido, fundante, origem das teorias sobre ele, como a noção de natureza ou de realidade.

Para suspender as interpretações tradicionais, Heidegger reserva-lhe o termo existência (*Existenz*). (HEIDEGGER, 1927/2012, p. 139, §9) Adiante no livro revela-se que tal escolha não é fortuita, pois etimologicamente existência é *ek-sistênci*a, sustentado (*sistere*) fora (*ek*). Existir é estar sempre ‘fora’ no mundo, eclodindo como o âmbito iluminado onde ser se mostra. Ou seja, a existência não é assumida como um ente criado à imagem e semelhança de Deus, nem um ente natural. Que é então? O §9 fornece as primeiras indicações: “O ser desse ente é cada vez meu. No ser desse ente, ele tem de se haver ele mesmo com seu ser. Como ente desse ser, cabe-lhe responder pelo seu próprio ser. O ser ele mesmo é o que está em jogo para esse ente. (HEIDEGGER, 1927/2012, p. 139, §9)

Estar em jogo... estranha expressão para se referir à condição humana! A existência que somos está em risco constante! Posso ser ‘o que’ sou. Ou não. A cada vez. Posso ganhar-me ou perder-me. E isso “a cada vez”, isto é, não se ganha si mesmo nem se perde si mesmo em definitivo. Ganhar seu ser é assumi-lo tal como é. Perder-se é o contrário. Nessa direção, toda auto-interpretação do Dasein que se toma como algo substancial, subsistente, e não como existência, é um modo de ocultar o próprio ser.

Todas as abordagens psicológicas que definem o homem contribuem para sua perdição! E isso não é falha das psicologias, pois elas estão fundadas, ainda que não o saibam, na ontologia metafísica que interpreta o homem como coisa entre coisas, da categoria animal com a diferença específica da racionalidade (psiquismo, mente, etc.). É dessa perdição (desvio do próprio ser) que a fenomenologia oferece salvação. A experiência de conquista do próprio ser é uma experiência estritamente humana, exclusiva ao ente que recebe o nome de existência. As coisas, os animais, os deuses não têm essa condição. Eles são. Não se perguntam por seu ser, nem podem ganha-lo ou perde-lo, não se extraviam nem se encontram. O ser do Dasein é um ‘tipo’ de ser muito específico, para o qual o próprio ser e o dos demais entes não-Dasein é questão.

Afirmar que o ser é a cada vez meu é também um indicativo da insubstituibilidade de cada existência. Trata-se do caráter de *ser-cada-vez-meu* (*Jemeinigkeit*) da existência; em tudo que sou, eu sou. A grande maioria das tarefas da existência concreta de alguém podem ser realizadas por outrem. Cuidar de um outro muitas vezes implica assumir por ele algumas de suas responsabilidades e realizar por ele o que lhe cabe. Isso não extirpa o caráter de *meu* do meu existir. O *ser-cada-vez-meu* é o que está em jogo a cada vez no Dasein. Ser pode ser meu ou não ser meu a cada vez. É isso que exprimem os existenciários *propriedade* e *impropriedade*. Esses termos não possuem nenhum sentido avaliativo. Não é melhor ser próprio ou pior ser impróprio. São modos possíveis de ser a cada vez e somente isso. Próprio significa “meu”. Impróprio, “não meu”. (HEIDEGGER, 1927/2012) Disponho de minha existência como minha existência? Ou assumo-a como algo simplesmente dado? Ou dela abduco? Como é-se próprio ou impróprio a cada vez, ganhar-se e perder-se é movimento.

Estar em jogo a cada vez o ser que é inexoravelmente meu é outro modo de dizer que ser é tarefa; Heidegger indica a ‘essência’ da existência como “*ter-de-ser*”.

Assumir assim a própria existência é incômodo. Por isso, buscamos constantemente alívio e tranquilização sendo tal como *a-gente* é nas das tarefas do mundo. Trata-se de uma transferência por princípio falha do *ter-que-ser*. Quando *a-gente* vai ao mercado, *a-gente* se esforça, *a-gente* trabalha duro, *a-gente* morre, *a-gente* encontra fugaz alívio do peso de existir. Todas as definições de existência são tentativas de encobrir a indeterminação essencial e a impossibilidade de encontrar fixidez. Sendo indeterminado e possível, não há possibilidade existencial alguma que traga fixidez e completude a ser que é ser-aí. Enquanto existo, algo me falta. Existir é ser impendente, pois falta algo ainda posso ser e/ou serei.

Isso impossibilita uma determinação clara e genérica do que é ser psicólogo fenomenológico existencial. De modo que só posso perguntar: como sou psicólogo fenomenológico existencial? E posso devolver aos meus colegas como os percebo assim o sendo, a fim de que julguem se seus atos (públicos) correspondem às suas intenções (privadas).

Enquanto a definição do psicólogo fenomenológico existencial forneceria uma delimitação de como *a-gente* é assim, a pergunta por como o sou abre para radical singularidade presente em cada situação que realizo minha existência como psicólogo. Ou seja, descubro e assumo que ser psicólogo é uma possibilidade existencial minha, que responde à minha indeterminação ontológica. Essa situação desnuda a indeterminação e a estranheza presentes em cada situação em que, como psicólogo, encontro outra existência. É impossível saber de antemão que rumos este encontro trilhará.

Assim, revela-se o radical estrangeirismo da existência: sua condição de indeterminado e possível. Esta condição permanece encoberta pela ocupação cotidiana e pelas autointerpretações provenientes do mundo compartilhado. A angústia derruba o véu que oculta a radical singularidade do Dasein, isto é, que só eu posso ser quem sou e tenho que ser: o *solus ipse* (solipsismo) existenciário.

O ser-no-mundo angustiado sente-se estranho. Em português, ‘estranho’ deriva do latim *extraneus*, que significa, estrangeiro, externo, de fora. Sua raiz é *extra*, fora. Em alemão estranho é *unheimlich*, que significa literalmente não-em-casa. *Heim* é lar, casa. Estar estranho é não-estar-em-casa, sentir-se-fora-de-casa. O encontrar-se da angústia arranca da familiaridade cotidiana de ser-em-o-mundo. No cotidiano, cada qual ‘sabe’ o que são as coisas, os outros e si mesmo a partir da ocupação. Mesmo um

doente sem diagnóstico está familiarizado no mundo; ele 'sabe' que tem uma doença, encontra os outros significativamente – médicos como aqueles que buscarão uma explicação e um tratamento, familiares como aqueles que compartilham o sofrimento etc. Mas na angústia o sentir-se-em-casa no mundo é perdida. O movimento da existência que se encontra angustiada é o de buscar familiarizar-se novamente. Heidegger explica isso afirmando que, angustiado, o ser-no-mundo foge de si para o mundo. Ou seja, encontrando-se estranho (não-em-casa) busca a significância compartilhada. É o que acontece quando a estranha angústia é transformada num problema neurológico, psicológico ou espiritual. Seu poder arrebatador é domesticado e transformado em algo sobre o que se tem suposto controle.

Mas o psicólogo fenomenológico existencial não se deixa iludir. Zela para que a estranheza perdue.

Ser estranho, o homem! Sempre astuto, domina a natureza, mas não consegue extirpar sua condição. Heidegger cita Sofocles na descrição desse nosso paradoxo:

A si mesmo encontrou tanto no soar da palavra  
e na compreensão que, com a rapidez do vento, tudo abarca,  
como no denodo, com que domina as cidades.  
Igualmente pensou, como escapar aos dardos do clima bem como às inclemências  
do frio

Pondo-se a caminho em toda parte, desprovido de experiência  
e em aporia chega ele ao Nada.

A morte é a única agressão, de que não se pode defender  
por nenhuma fuga, embora consiga esquivar-se habilmente  
às penas da enfermidade.

Como ser psicólogo assumindo-me como existência? Assumindo-se como existência que encontra outra existência, que, como eu, está a todo momento tendo que se haver com sua indeterminação.

A Psicologia tradicional está preocupada com o bom funcionamento de suas hipóteses e com a regulação da existência tomando-a e atualizando-a como ente meramente subsistente. Já o psicólogo que se apoia na ontologia heideggeriana reconhece que todas as tentativas de determinação da existência como ente subsistente falham do princípio. Ao encontrar um outro, o psicólogo não dispõe previamente dos pontos de chegada desse encontro. Não tem como, numa sessão de psicoterapia ou plantão psicológico, determinar o que ocorrerá e como isso transformará sob este ou aquele aspecto. É por isso que, a meu ver, o psicólogo fenomenológico existencial assume que seu lugar é instável e indeterminado e abre-se para o que acontecer, como acontecer, quando acontecer. Esse lugar é ético, pois não tenta substantivar, explicar ou transformar num processo psíquico, energético, ou mental a existência do outro. Deixa-ser o outro e isso é ser ético.

No encontro com outra existência, o outro desvela-se tendo que lidar com o que se apresenta a ele, projetando possibilidades para si. O psicólogo também se descobre tendo que fazer algo com isto, quero dizer, tendo que projetar possibilidades para o que lhe vem ao encontro neste momento de coexistência que lhe retira do lugar seguro de saber o que é e o que deve fazer. Dá-lhe a ver quem é e como pode ser. Estão no mesmo barco. Ou melhor, na mesma nau dos insensatos, aquela que parte de lugar algum em direção a lugar nenhum.

### **Referências bibliográficas**

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp / Petrópolis, RJ: Editora Vozes: 2012. Original publicado em 1927.

STEIN, E. **Seis estudos sobre "SER E TEMPO" (Martin Heidegger) - Comemoração dos sessenta anos de Ser e Tempo de Heidegger**. 2a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

## Atendimento psicológico online

*Luciana Ruffo - luruffo@gmail.com*

Essa apresentação baseia-se em alguns pontos de minha dissertação de mestrado intitulada “Ensaio para a compreensão de uma prática psicológica em construção: Atendimento Online”.

Desde o ano de 2002 venho trabalhando junto a um núcleo da PUC-SP intitulado NPPI (Núcleo de Pesquisa da Psicologia em Informática).

O NPPI tem como foco de seus estudos toda a interação entre seres humanos e tecnologia e como a vida cotidiana tem sido afetada por isso.

Na verdade, trata-se de um trabalho bem amplo que parte dos estudos do cotidiano, como por exemplo a entrada das redes sociais, os usos de programas como whatsapp e os smartphones até a prática psicológica via internet.

Desde 1995 o Núcleo já vinha atuando na área, isso significa que os primórdios da internet e seus usos no Brasil, já eram de alguma forma olhados e pensados pela equipe.

Por ter um grande interesse em tecnologia me aproximei desse grupo onde permaneço até hoje.

No início, falar de psicologia relacionada a tecnologia era algo realmente difícil. Havia pouca abertura principalmente da classe dos psicólogos que não compreendiam como sua prática poderia ser transposta para esse universo virtual ou mesmo acreditavam que grandes transformações ruins iriam acontecer pelas facilidades apresentadas pela internet.

Passados 14 anos, posso dizer que ainda existe bastante preconceito em relação ao tema, mas cada vez mais encontro abertura e interesse tanto de profissionais da área como do público em geral que busca ajuda mais frequentemente por esse canal.

Falarei principalmente das implicações e das reflexões que proponho aos psicólogos a respeito desse tema.

Muito se fez para regulamentar a prática psicológica via internet. No início, quando os primeiros profissionais começaram a atender, houve um movimento por parte do Conselho de Psicologia que visou controlar tal prática até se ter maiores informações e conhecimento a respeito de tal atividade e sua segurança para os usuários em geral. Assim, na primeira resolução (nº003/2000) fica posto que a prática de psicoterapia online está proibida. Essa proibição se mantém até hoje, em parte sob os mesmos argumentos independentemente de em outros países a psicoterapia acontecer virtualmente a mais de 10 anos sem problemas e com muitos ganhos a determinados grupos de pacientes.

Mas levando-se em conta que já existiam alguns grupos em universidades pesquisando e até mesmo utilizando a tecnologia para usos psicológicos, o Conselho permite a utilização de orientação psicológica via internet. Sem definir muito bem o assunto, a resolução traz em linhas gerais poucas informações. Diz apenas da importância de se deixar claro que é um trabalho de orientação e não de psicoterapia.

Essa ideia de se diferenciar os 2 tipos de atendimento se mantém até os dias atuais, passando por mais 2 revisões que foram feitas na resolução. Embora esteja especificado a necessidade de distingui-las ao paciente, em lugar algum é dito no que consistiria uma orientação e como diferencia-la da psicoterapia.

Nesse sentido, foram feitas algumas tentativas de classificação, mas elas se mostram atualmente sem muito sentido para aqueles que trabalham com o assunto. Vale dizer que são pouquíssimas as pesquisas publicadas no Brasil sobre o assunto, sendo que não encontrei nenhuma que falasse de orientação online especificamente.

Uma das propostas de diferenciação diria que na orientação não poderia haver formação do vínculo entre terapeuta e paciente. Assim como teria um caráter breve e focal. Trago aqui um questionamento: Será que consigo determinar quando um paciente se vincula ao terapeuta? Ou será que ser breve e focal diria de seu caráter não terapêutico? O que faríamos então com a psicoterapia breve? Ela não seria breve e focal? Aliás, só psicoterapia poderia ser terapêutica?

Ao longo dos anos a quantidade de “encontros” ou trocas de mensagens permitidas entre terapeuta e paciente foram sendo revistas. Na segunda revisão da resolução (nº012/2005) surge a necessidade da colocação de um selo do Conselho no site do psicólogo que desejar atender nessa modalidade. No manual para a criação desse site e autorização de atendimento, surge o número de 10 trocas como sendo o limite máximo da orientação, salvo se ela tivesse objetivo específico como orientação profissional ou sexual. Por trocas entenda-se o conjunto de 1 mensagem do terapeuta e 1 mensagem do paciente ou 1 encontro simultâneo.

Em nenhum momento é explicado ou clarificado como se chegou ao número de 10 atendimentos. Da mesma forma que a proibição da psicoterapia online, parece que tal número surge quando o número de atendimentos virtuais começa a aumentar e o conselho começa a perceber um maior interesse por parte dos psicólogos que atuam nesse meio. Assim, em sua necessidade de controlar a situação cria alguns padrões normativos.

Atualmente, a resolução (nº11/2012) traz a permissão de 20 trocas. Novamente não se explica o porquê dessa quantidade. Por ter participado das discussões da revisão da resolução o que é possível afirmar é que ainda existe um receio frente a liberação da psicoterapia online, como se ela fosse tomar o lugar que hoje pertence ao consultório ou ainda que trouxesse grandes prejuízos a classe profissional.

Em todas as discussões pertinentes ao assunto, sempre aparece a questão de como se realizar um atendimento igual ao do consultório no mundo virtual. Uma clara ideia de transposição. Mas será mesmo que necessitamos colocar o mesmo modelo? Não poderíamos entender esse novo espaço e pensar em possibilidades outras de atuação no virtual?

Trazendo um pouco a minha experiência posso dizer que já vi situações únicas onde o atendimento online se tornava a única forma de cuidado a qual o paciente poderia ter acesso.

Por exemplo no caso de pessoas expatriadas, que nem sempre dominam o idioma do país onde vivem, ou ainda, que mesmo quando há total conhecimento da língua, enfrentam diferenças culturais. Já demos orientações para Brasileiros que viviam na Rússia, no Japão, na Bélgica entre tantos outros países. Foram pessoas que nos buscaram justamente por não conseguir um atendimento efetivo no país que residiam. Por algumas semanas a troca de mensagens por e-mail (modalidade mais usada no NPPI) foi a única possibilidade de ajuda para estes que sofriam.

Outras situações onde os atendimentos virtuais se mostram interessantes passam pela dificuldade em se sair de casa, seja por uma questão física ou mental ou ainda quando se vive em cidades muito pequenas onde todos se conhecem e falar com a terapeuta local seria uma exposição complicada para o paciente.

Já atendemos uma moça com síndrome do pânico que não saia de casa há mais de 5 anos. Também uma outra pessoa que foi trabalhar na fronteira do Amazonas e o único contato com o resto do mundo era via internet por satélite. Temos várias situações peculiares que mostram haver um caminho a ser trilhado. Não necessariamente o mesmo caminho de um consultório tradicional, mas a construção de formas outras que possam auxiliar o paciente. Entendendo o psicólogo não só como aquele que atua na clínica, mas como um profissional de vasta atuação e possibilidades.

Os atendimentos podem ser ainda síncronos ou não síncronos. Isto é, síncronos quando acontecem simultaneamente como é o caso no uso do SKYPE ou não síncronos quando ocorrem em momentos diferente para o terapeuta e paciente, como por exemplo no e-mail.

Os atendimentos por e-mail foram predominantes por muito tempo, entendendo que antigamente não havia qualidade de conexão para uso de imagem e som e também por ser a preferência de alguns pacientes que escolhem esse canal por se sentirem mais a vontade.

Não precisar assumir quem se é, escrever para uma tela em branco costuma ser um facilitador para muitas pessoas. Nas mensagens que recebemos no NPPI isso fica bastante claro. Surgem várias frases que dizem o quanto a possibilidade de se sentir seguro no anonimato permitiu que a pessoa contasse coisas que nunca antes havia dito a ninguém.

É preciso aprender a usar outras formas de compreensão quando se fala do virtual. Muitos dados nos são apresentados, seja na forma escrita, seja na escolha do local que o paciente faz para o atendimento. A grafia das mensagens revelam muitos sentimentos diferentes, que com um pouco de atenção e treino podem ser percebidos.

Que fique claro que é preciso sim estudo e pesquisa a respeito do assunto. Assim como se atender em consultório pede um aprendizado, no virtual também. E nem falo necessariamente de psicoterapia. A maioria dos profissionais desconhece a resolução a esse respeito e assim faz o tipo de atendimento que acha possível e funcional. Basta uma busca no google para se ter uma ideia de como psicoterapia online é ofertada mesmo sem ser permitida.

Agora, voltando para orientação que é o que o conselho nos permite, será que faz diferença para o paciente o nome que damos ao atendimento que ele receberá? Será que ele se preocupa em não formar vínculos? Ou mesmo o terapeuta, será que ele tem esse poder?

Penso que por tanto tempo a classe dos psicólogos que trabalham nessa área foi controlada e vigiada pelos conselhos que isso gerou um enrijecimento na forma de nos colocarmos e trabalharmos no virtual. Mas apesar de tantas regras, como funciona a fiscalização? Ela é praticamente inexistente após a liberação do site para funcionamento por parte do conselho. Liberação essa que depende e muito do profissional e do Conselho em que foi apresentada, não havendo um consenso de normas e regras claras que são seguidas.

Apesar de todas as questões aqui apresentadas, o trabalho online vem se desenvolvendo em nosso País. Será que podemos pensar em alternativas aquilo que já existe e é liberado atualmente pelo conselho? Poderíamos por exemplo pensar em aconselhamento como uma forma de atendimento? Acredito que sim. São outros caminhos possíveis para serem trilhados, estudados e que merecem nossa atenção, tendo em vista que o interesse da população nessa forma de atendimento cresce largamente ao longo dos anos.

## **II. Experiências em Prática Psicológica**

### **O estágio de atendimento nos anos iniciais: experiência com plantão psicológico**

Dr. André Prado Nunes - *andrepn@usp.br*

A partir do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE-IP-USP) e das relações ali constituídas surgiu o tema desta tese<sup>5</sup>: como os estagiários compreendem a sua formação a partir da participação no Projeto de Atendimento em Plantão Psicológico (A.P.P.), realizado na clínica-escola do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Tal projeto ocorre uma vez por semana, disponibilizando atendimento psicológico a qualquer um que o procure, sem necessidade de inscrição prévia, das 17h às 21h<sup>6</sup>. O atendimento pode ser individual, mas também ocorre em casal e família. Crianças e adolescentes só podem ser atendidos com a presença dos responsáveis legais.

A supervisão é realizada *in loco*, ou seja, durante o próprio período de plantão, em salas reservadas. Assim como o atendimento, a supervisão também pode ser individual ou ocorrer coletivamente, com a contribuição de mais de um supervisor e dos demais colegas presentes. Os estagiários devem estar matriculados em alguma disciplina ofertada semestralmente pela coordenadora, de modo a entrarem em contato com os conteúdos formais da perspectiva fenomenológica existencial e do campo de aconselhamento psicológico. Além de pesquisador, eu também atuo como supervisor neste estágio desde 2009.

Até aqui, essa descrição não se diferencia muito de outros serviços de atendimento psicológico à comunidade, principalmente entre aqueles que se denominam “plantão”. Entretanto, o que me chamou a atenção, a partir das supervisões, foi o modo como esse estágio se disponibilizava aos estudantes. Nesta época, já era possível o estudante participar do projeto a partir do segundo ano (3º semestre) de curso! Isto era uma novidade um pouco controversa, pois tradicionalmente os estágios de atendimento são ofertados somente a partir do 4º ano (8º semestre), inicialmente pela disciplina de psicodiagnóstico.

Na investigação deste tema, acompanhei os estagiários do projeto de A.P.P. de março de 2011 a junho de 2013, totalizando um período de dois anos e três meses. Quatro estudantes de graduação foram convidados para entrevistas individuais. A escolha partiu de duas premissas: 1) terem realizado o primeiro estágio de atendimento neste projeto, a partir do terceiro semestre da graduação; e 2) terem permanecido no projeto ao menos por um ano.

---

<sup>5</sup> Tal capítulo se refere a uma síntese da tese de Nunes (2015).

<sup>6</sup> O horário privilegia as necessidades do usuário, que geralmente trabalha no horário comercial e tem dificuldade em comparecer ao atendimento antes das 17h. O período de inscrição é das 17h às 19:30h, reservando o restante do período para supervisão e atendimento dos inscritos, até às 21h, aproximadamente.



As entrevistas se abriram a partir da seguinte pergunta: “como está sendo a sua experiência de estágio neste projeto de plantão?”. O modo da pergunta buscou convidá-los a explicitarem situações do estágio que consideravam pertinentes a sua formação. Na tentativa de compreender suas experiências penso ser possível refletir mais amplamente sobre aspectos da formação em psicologia.

A partir das narrativas apresentadas, é possível notar como o plantão psicológico disponibilizou-se para receber os estudantes dos semestres iniciais. Ousadamente apresentar o plantão aos estagiários sem uma explicitação prévia da perspectiva fenomenológica existencial ou junto a essas aulas revelou-se ruptura que convidava o plantonista a constituir saberes de ofício a partir da própria experiência.

Os relatos evidenciaram que os estagiários experienciam essa ruptura de maneiras distintas. O plantonista pode se ver sem referências e com muita dificuldade em aprender pela experiência, sentindo-se desamparado e perdido. Ele também pode fazer uso dessa aparente falta de rigorosidade teórico científica para justificar posicionamentos prévios, arriscando manter-se no já sabido ou no senso-comum. Aprender pela experiência remeteu-se ao modo como cada estagiário compreendeu as situações de atendimento e supervisão nesta perspectiva fenomenológica, sendo que este caminho não se revelou nem um pouco tranquilo. Embora a oferta de estágio nessa proposta possa soar tentadora para quem deseja “colocar a mão na massa” desde cedo, o percurso no plantão foi marcado por conflitos e questionamentos constantes. Sendo assim, alguns impasses precisam ser explicitados e discutidos.

Além das disciplinas, os plantonistas revelaram como a formação se realizou principalmente no palco de “negociações” junto aos supervisores, seja na supervisão de “meio” do atendimento, seja logo após o encontro. Neste sentido, a perspectiva fenomenológica existencial apresentou-se de modo distinto do das aulas: pela ação do supervisor em compreender como o estagiário se encontrava afetado pelo encontro com o outro.

É interessante destacar como o modo da supervisão disponibilizar-se ao estagiário também marcou diferenças. A supervisão logo após o atendimento e “a supervisão de meio”, durante o atendimento, foram os modos encontrados pelo projeto para cuidar do estagiário no momento em que ele se encontra ainda bastante mobilizado pelo cliente. Como se trata de uma clínica-escola, a breve interrupção no atendimento, devidamente comunicada, não gerou atritos: o cliente sabe que está sendo atendido por estagiários da graduação e o maior cuidado a este estudante pode se reverter na qualidade do atendimento. Além disso, o atendimento em plantão não precisava se circunscrever ao tempo das sessões psicoterápicas (50 min.) e poderia ser único, o que demandava formulações criativas do projeto.

Aliás, o fato desta supervisão acontecer em grupo também foi um diferencial. Por um lado, ela pode marcar uma precarização do estágio, quando se sobrecarrega o psicólogo com um número elevado de estudantes a serem supervisionados em um curto espaço de tempo. Entretanto, a supervisão em grupo contemplou uma rica dimensão da comunicação, no trânsito entre aquilo que é singular e coletivo. Identificar-se e estranhar-se perante o que é dito por outro marcaram uma riqueza à aprendizagem na escuta da experiência do colega sendo supervisionado, de modo a reverberar nas próprias vivências.

Outro elemento que merece destaque neste trecho é a entrada dos estagiários com psicólogos formados ou colegas dos últimos semestres, formando duplas para o atendimento. Os estagiários revelaram como foram modificados a partir do modo como

estes colegas se colocaram no atendimento. Atender junto a um colega mais experiente transmitiu uma segurança e, aos poucos, o estagiário construiu a sua própria. Pode-se compreender que o plantão foi apresentado aos estudantes a partir da própria atenção e disponibilidade ao outro que o companheiro de dupla dava a ver, como reveladoras de um modo de ser psicólogo. Neste sentido, diferente de forçar uma participação, companheiro de dupla convidava o estagiário a participar do diálogo com o cliente, de modo aparentemente descompromissado.

Outro movimento deste colega foi o de permitir que o estagiário conduzisse sua intervenção junto ao cliente sem ser interrompido em suas considerações. Assumindo que este companheiro de dupla talvez possua “mais experiência”, o que ele fez com esse “saber-poder” foi colocar-se a serviço do estagiário. Esta atitude propiciou ao estudante perceber-se como co-autor no atendimento e descobrir-se como psicólogo.

Ainda em relação à dupla de atendimento, os estagiários apontaram como ficou evidente, em muitas situações, que não era preciso dar respostas ao cliente e nem tentar tirá-lo do sofrimento, mas de estar junto, propiciando contato com estas questões de maneira a explicitar o modo de ser do cliente a ele mesmo. Segundo Morato (2013), tal ação psicológica busca inspiração na compreensão fenomenológica da solicitude em seu modo liberador, pelo qual “compreende-se o outro diante de suas próprias possibilidades, encarregando-o de seu poder-ser para conduzir-se em dada situação, pertinentemente a seu ser-no-mundo.” (MORATO, 2013, p. 52).

O atendimento em plantão, levando os estagiários a improvisarem diante do inesperado, também revelou, mesmo que timidamente, o surgimento da linguagem poética. Nesta direção, libertar a palavra do âmbito do raciocínio explicativo, com seus significados já dados de antemão e gastos pelo falatório, não significou “fazer poesia” ou erudição, mas de buscar um dizer que desvelasse o sentido de algo. Era um modo de, simultaneamente, nomear aquilo que “tocava” o plantonista e manter o espaço de liberdade do cliente, que poderia compreender o que se tentou comunicar ou não.

Tal linguagem parecia brotar quando o plantonista não se esforçava em entender, mas deixava vir aquilo que se apresentava e, pela atenção à disposição afetiva em situação, buscava nomear aquilo que se encontrava velado, mas presente de modo tácito. Alguns plantonistas mencionaram como isso envolvia dar-se conta de certas sensações corpóreas e perceber eventuais “climas” que indicavam ressonância entre eles e o cliente.

Quando digo que a linguagem poética apareceu timidamente no estágio, refiro-me à dificuldade que os estagiários revelaram em se desapegarem da fala explicativa. Cada um expressou a vontade de descobrir o seu “ser-psicólogo”, mas suspender as representações usuais da profissão e ousar um posicionamento singularmente autêntico não é tarefa fácil: é preciso expor-se para aprender pela ação, confiando a outros momentos de intimidade fugidia.

A experiência profissional, como supervisor de grupos, vem mostrando que os alunos e participantes chegam com repertórios de expressão, ideais e ações e de vocabulário cada vez mais restritos. Apresentam-se como que murchos, desgastados, desbastados, cansados. Suas falas parecem estar destituídas da voz do dono; mas, pelo cultivo do falar, apresentam-se sensivelmente outras.

Neste sentido, os estagiários quase não se referiram diretamente a termos ou noções fenomenológicas. Mas este também não era o momento de se “falar sobre” a formação, tematizando a perspectiva fenomenológica existencial. Algo que esta investigação conseguiu revelar foi como os “saberes” dos estagiários apareceram

“encarnados” nas suas atitudes e no modo como eles compreenderam plantão, estranhando-se no “já sabido” rumo a encontrarem-se outros: alteridade em ação. Profissionais do encontro.

Deste modo, a formação realizada neste estágio de atendimento em plantão psicológico apresentou-se como formar-ação, aprendizagem pela experiência como possibilidade de “fazer-saber” pelos próprios pés, junto a outros: pés que trilham fazendo caminho ao trilhar.

### **Referências bibliográficas**

MORATO, H. T. P. Algumas considerações da fenomenologia existencial para a ação psicológica na prática e na pesquisa em instituições. In: BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P.; CALDAS, M. T. (Org.). **Prática Psicológica na Perspectiva Fenomenológica**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Juruá Editora Ltda., 2013.

## Plantão Psicológico na graduação: um relato de experiência

César Dias Oliveira - *cesar.cdo@gmail.com*

Ingressei na graduação em 2011 e concluí o curso no final de 2015. Lembro que ainda no primeiro ano, reclamei bastante da falta de contato com a prática em psicologia, era tudo muito teórico. Entretanto, confesso que junto a essa reclamação também vinha um sentimento de alívio por ainda não ter que lidar com o sofrimento do outro. Não era algo que eu considerasse leviano. Ficava inseguro por, de repente, não saber o que fazer frente ao sofrimento narrado por alguém que procura um psicólogo. Na época imaginava que o psicólogo deveria ter determinada **postura** nos atendimentos. Bem, pensem desde já na desconstrução vivida por mim, pois é dela que se trata esse relato de experiência.

Por volta do final do primeiro ano comecei a me interessar pela prática de atendimento clínico e pelas experiências que meus colegas mais velhos estavam passando, então, assim que encontrava um deles com abertura mínima para conversa, dava um jeito de introduzir o assunto dos famosos atendimentos que os alunos começam a realizar a partir do quarto ano. Eu já flertava com a vontade de atender no primeiro ano, até o quarto demoraria demais. Entretanto, ao mesmo tempo em que eu reclamava, criava uma lógica na minha cabeça: “é, Cesar, de fato você precisa das teorias para saber como atender”.

Descobri, tendo essas conversas com colegas mais velhos, que era possível atender antes de chegar ao quarto ano. Foi então que entrei em contato com o LEFE pela primeira vez. Ainda não sabia o que era fenomenologia existencial e nem dos estágios oferecidos pelo laboratório. Pesquisando um pouco, conheci um serviço que me provocou muita curiosidade, o serviço de plantão psicológico.

No terceiro ano virei estagiário do laboratório. Estava empolgado e com bastante medo, mas pude ficar mais tranquilo após saber que os atendimentos eram feitos em duplas e que a minha, especificamente daquele dia, seria uma aluna do quinto ano. Fiquei bastante aliviado por pensar que não seria obrigação minha dizer nada. Nada disse durante o atendimento.

Saí do plantão pensando que o exercício de atender não era para mim. Não soube o que fazer com o que me foi dito, fato que muitas vezes tornou a acontecer. Nem entendia direito o que havia acontecido lá dentro do atendimento. Compareci à aula na sexta da mesma semana e pude falar um pouco do quão estranho havia sido. Mais ouvi do que falei. Comecei a ser questionado sobre algumas certezas do tipo: “**você acha que tem esse poder de curar alguém? Por que ele deveria voltar?**” Obviamente não conseguia responder a essas perguntas, pois gostaria de acreditar que eu encontraria no meu curso algo da ordem do “curar” era só achar a melhor teoria da psicologia, a mais correta.

Ficava a impressão de que se eu tivesse atendido do jeito certo ele voltaria. A pergunta que eu me fazia era: “a minha **postura** foi a mais correta?” Eu pensava que não estava entendendo a proposta do trabalho realizado no plantão. Na verdade eu havia começado a entrar em contato com um **novo jeito de estar com o outro e comigo mesmo**, levou tempo para eu perceber as sutilezas desse encontro.

Enquanto eu estive preocupado se estava agindo de maneira correta ou errada, não pude adquirir fluência no encontro, tanto do encontro do atendimento quanto do

encontro da supervisão. Não estive atento ao como eu sou psicólogo. Continuei travado dentro de uma postura.

Nesse sentido fui convocado pelas experiências de atendimentos no plantão psicológico a destravar e me movimentar. Encontrar a mim mesmo, pois percebia provocado pelas intervenções dos supervisores do estágio, que a postura que eu assumia não me permitia intervir, não me permitia afetar o outro, criando possibilidades novas de seu existir. Em outras palavras, eu precisava parar de esconder minha existência atrás de uma postura. Eu ficava muito bravo ao ouvir colegas mais velhos dizendo que era “tranquilo” atender. Para mim não era e nunca foi.

Tentar não errar fazia com que eu perdesse o que o outro me comunicava em atendimento e também em supervisão. Gerava uma indisponibilidade da minha escuta. Aquilo que eu não conseguia lidar, apenas não ouvia. Assim como aquilo que me machucava eu apenas não dizia. Nos dias de mais tensão, só escolhia ir jogar futsal e não pensava em nada disso, afinal os treinos do time da psicologia ocorriam no mesmo horário que o plantão psicológico.

Na época eu não fazia terapia, realmente não entrava em contato com o meu modo de existir. Hoje vejo o sentido disso: não me era possível ser frágil. Frágil como aqueles que procuravam por atendimento no plantão. Acreditava que a terapia era para problemas grandes, os quais eu não tinha. Eu me via como alguém forte, tão forte que possuía um medo absurdo de machucar o outro com minhas palavras, meus apontamentos. **Mas a quem eu tinha medo de machucar?**

A experiência do atender começou a seguir na contramão dos pressupostos que eu havia tomado como verdadeiros, da postura que eu imaginava ser boa para um psicólogo. Percebia que eu voltava exausto para minha casa e que esse cansaço não era da ordem física, nem da ordem mental. Era de outro lugar, era um cansaço diferente. Minha mãe, que costumava me esperar para jantar, estava sempre muito animada enquanto eu estava cheio de conflitos que nem sabia de qual lugar eles vinham. Toda terça contava para ela como havia sido o plantão. Sempre era pesado. Percebi que as histórias me tocavam muito. Imobilizavam-me.

Uma supervisora começou a notar certa regularidade nos meus atendimentos. Essa “super-força” sempre aparecia, claro. Ela, muito mais velha, experiente, começou a pontuar tal regularidade, de uma maneira enfática até demais, como ela costuma ser. Muito rigorosa e ríspida, com poucas palavras, dizia: “Cesar, recolha-se a sua insignificância” ( Yehia, 2014). Todas às vezes que eu ouvia essa frase, pensava a semana toda nela, mas demorei em entender o lado didático disso.

Em algum momento eu me permiti errar. Foi uma grande mudança. Caminhei para o outro extremo. Comecei a me afetar demais com tudo que era dito, sofria junto, ficava mal, não conseguia notar isso. Diversas vezes me foi apontado em supervisão o quanto eu saía igualzinho à pessoa que estava sendo atendida. Eu me esforçava bastante para tentar compreender o que ela estava passando que, comumente, esquecia-me de mim, do que eu estava passando enquanto em atendimento.

Meus supervisores diziam para eu confiar no que sentia durante o plantão, porque isso dizia sobre o que estava acontecendo. Eu pensava: “espera ai, então vocês estão dizendo que além de eu não ter uma postura definida para atender, posso usar meus sentimentos lá dentro? Como o que eu sinto pode ajudar durante o atendimento. A conversa não é sobre minha pessoa, mas sobre quem nos procura”.

No plantão às vezes fazemos uma pausa durante o atendimento para ter supervisão (de meio, como a nomeamos) e retornar a conversa. Durante essas

supervisões de meio, eu comecei a experimentar, mais uma vez incitado pelos supervisores, dizer como eu estava me percebendo no encontro. Ou seja, passei a refletir sobre meus próprios sentimentos, meu próprio existir, por assim dizer. Tudo isso me possibilitou compreender como, então, os meus sentimentos realmente comunicavam sobre o que estava sendo dito pelo outro.

A supervisão de meio ganhou outro nome para mim, a nomeei de santa pausa, porque era uma hora minha, na qual eu podia falar de como estava sendo e, junto com o supervisor compreender como eu estava logo do que estávamos falando no atendimento.

Percorrendo meu relato observo como até esse momento lutei para colocar em questão aquela postura apresentada no início deste texto, a qual existia mais na minha imaginação e que de muito era útil para que eu me escondesse e assim pudesse acertar enquanto psicólogo. Entretanto, sair da postura e poder ouvir e compreender o que está sendo comunicado no atendimento, não diz o que eu posso fazer e falar durante este.

Comecei a reparar, motivado pelas provocações dos supervisores, que era comum eu compreender o que era dito e não intervir. As minhas perguntas e falas caminhavam bem pelo lado “investigativo” da história, mas nada para além disso. Apenas em supervisão que percebia o que eu havia deixado de dizer. Era recorrente sair dos atendimentos com a sensação de insuficiência do que ofereci naquele espaço, que poderia ter sido melhor, não mais com a sensação de que eu havia errado ou acertado, mas sim que apenas havia sido um atendimento incompleto.

Calava-me frente ao ato de intervir e sabia disso. Por um tempo questioneei sobre o que acontecia que eu não me permitia dizer para aquele que me procurava o que eu estava percebendo. Mais uma vez, minha supervisora, a mesma de antes, Yehia, fez vários questionamentos a mim, apontando como parecia que eu estava com medo de falar sobre o que precisava ser dito. Não só ela, mas todos os supervisores passaram a perceber a mesma coisa. Entretanto foi durante uma supervisão dela que pude perceber de fato o modo que estava atendendo. Lembrei-me de como colocava as pessoas que procuravam por plantão no pacote de pessoas frágeis e, logo, me colocava no papel de alguém forte. A partir de então, pude sentir minhas fraquezas, meus medos. Neste dia fiquei sem chão, abalado, quebrado.

A importância desse abalo ainda é imensurável para mim. O ato de alguém tão frágil quanto eu me peguei naquele dia poder refazer-se e sentir-se mais livre que antes, sentir que havia ganhado asas de uma hora para outra, me fez crer também na importância do perder-se e na beleza do reencontrar-se, do refazer-se. Aprendi naquele dia e nas semanas seguintes sobre a importância de deixar que cada qual se responsabilize por si e por suas dores.

A atenção para o que me toca quando atendo é o estar com o outro, junto ao outro e não fazendo por ele. Finalmente, com o suporte dos supervisores e da minha terapia pude experimentar deixar minha postura de lado e focar na minha **atitude**. Focar no modo que devolverei, para aquele que me narra seu sofrimento, o que eu vejo. Observei algo muito específico do meu modo de existir, do modo que sou psicólogo. Percebi que as coisas que ficava com medo de comunicar para o outro eram exatamente as coisas que eu deveria dizer, era o incômodo que este me trazia ao narrar seu sofrimento.

O modo como eu faria a comunicação do que eu estava percebendo era uma questão para mim. Mais uma vez não havia o certo e errado, mas sim o meu modo de agir, minha atitude própria de ser psicólogo. Para mim, fica claro que o modo de

comunicar ao outro o que ele provoca em mim, é a parte mais difícil. Algumas vezes acabo sendo invasivo e desmedido.

Fiz parte da equipe de plantonistas do serviço de plantão psicológico por três anos. Percebo a importância de alguns espaços inventados no plantão, como a supervisão de meio e de final de atendimento. Tais espaços foram imprescindíveis para que eu entrasse em contato com meu modo de ser plantonista e pudesse expor meus receios e fantasias. Nesse sentido, meu relato de experiência aparece impregnado das tensões vivenciadas por mim enquanto um aluno de graduação, acostumado a tentar acertar. Alguém que encontrou no seu caminho um lugar de estranho, no qual constantemente sente-se perdido, angustiado. Um aluno que caminha atento ao que lhe acontece para que possa cuidar de si próprio e não mais se preocupar com acertar para curar o outro e deixa-lo melhor do que chegou.

## **Incursões no Departamento Jurídico: um exercício de (re)cartografar**

Gabriel Alex Silva - *gabriel\_alexsilva@hotmail.com*

Boa tarde, o convite pra essa minha fala surgiu de um trabalho de fim de semestre, entregue pra Henriette, minha orientadora, que falava um pouquinho sobre a responsabilidade de ser psicólogo, e lá eu fiz um percurso que eu quero tentar fazer aqui também, que foi falar um pouquinho da necessidade de tal coisa como uma cartografia clínica no Departamento Jurídico da SanFran, o que se entende por experiência de cuidado, e o que foi pra mim ficar de frente com a complexidade do outro, todos elementos de uma responsabilidade da prática psicológica, especialmente em instituições.

Escolhi fazer parte do time de atendentes da assistência psicológica do Departamento Jurídico XI de Agosto (DJ), da Faculdade de Direito da USP, como forma de fazer minhas primeiras incursões para fora da bolha. Como morador de cidade do interior, tinha (e continuo tendo) a vontade de conhecer a cidade de São Paulo, internalizá-la de forma a poder dizer “sempre estive por aqui”, de explorar as possibilidades que, enquanto psicólogo, eu poderia ter para além dos muros da universidade. Na época eu ainda não entendia a dimensão do que é a Psicologia em instituições.

Paralelamente, comecei a frequentar os plantões psicológicos da clínica do Instituto de Psicologia e, para efeitos comparativos, foi uma de minhas melhores decisões, uma vez que me permitiu sentir com mais clareza o que é essa cartografia clínica que tanto discutimos em aula, que no fundo fala de nada mais do que das possibilidades que cada ambiente te proporciona.

O convênio entre o Departamento Jurídico e o LEFE já existe há um bom tempo (desde 2001, se não me engano), salvo um período de latência em que não houve nenhum trabalho em conjunto. Como na época em que iniciei meu estágio no DJ minha experiência clínica ainda era nula, recorri a amigos que eu sabia já terem feito o estágio, pedindo por alguma espécie de “guia espiritual” pro trabalho ao qual eu tinha proposto me jogar. E eu recebi algumas dicas, não no sentido de “o que fazer” quando eu estivesse numa situação de atendimento, mas dos modos de funcionar da instituição.

O problema é que eu ouvi falar de um DJ que não foi aquele que eu encontrei quando comecei os estágios. O que a gente acabou fazendo lá então foi um exercício de cartografia, por isso escolhi chamar essa minha fala de um (re)cartografar, já que por mais que o convênio entre as instituições seja antigo, toda experiência de reencontro, ano a ano, configura um novo encontro. E no DJ ainda mais, visto que o que identificamos lá foi uma espécie de quebra de comunicação entre a diretoria do Departamento, que como parte do funcionamento de lá troca anualmente, e os nossos estagiários, que também mudam. Então parecia que de alguma forma o trabalho que era lá feito não ia se edificando, na medida em que lá dentro ninguém se conhecia muito bem, não conhecia um ao trabalho do outro, e não passava os resultados para as “próximas gerações”.

Uma das características do meu grupo de trabalho é que ele era composto por estagiários novos e por uma supervisora nova, o que no sentido das possibilidades de trabalho lá dentro se traduzia que de forma ninguém sabia muito mais do que fora relatado por terceiros. E a função de uma cartografia institucional é justamente essa: muitas vezes o que chega como queixa, escrito em um papel, não é a real demanda identificada pelas pessoas que se propõem a irem lá trabalhar, ou não é o que as possibilidades de uso daquele espaço pedem ou te permitem, e muitas vezes essas possibilidades extrapolam em muito a queixa inicial. Cartografar é justamente isso, não



é um ato de mapear, que é feito por cima, como um GPS, mas implica em entrar no meio daquilo que se põe a ser cartografado e abrir caminhos pra conhecer.

Cartografar nesse sentido é uma experiência ativa, não só de identificar oportunidades, mas também de criar oportunidades.

Em resumo, o trabalho feito por lá em um semestre, e que ainda continua nas mãos da Andrea, nossa supervisora, e dos novos estagiários, foi o de tentar estabelecer uma comunicação mais direta com estagiários do direito, no sentido de afinar o entendimento do que nós tínhamos lá dentro do nosso trabalho e o que eles imaginavam que nós íamos lá pra fazer.

Dessa forma algumas diferenças muito básicas foram expostas: o que produzimos lá foi algo diferente do que inicialmente se pensava; enquanto nós entendíamos aquilo como um apoio psicológico para a comunidade do departamento jurídico, incluindo aí estagiários, funcionários e assistidos, eles nos viam como prestadores de serviço para os assistidos; a visão que tínhamos de início, ou ao menos a que me foi passada pelos meus supervisores, era a de que não estávamos lá para usar o espaço deles para fazer plantões psicológicos, no estilo "venda casada", "compre uma assistência jurídica e de brinde leve uma sessão de terapia", mas algo que integrasse o que lá eles faziam, e os dispositivos que nós tínhamos enquanto psicólogos (ou aspirantes a) e que poderiam ajudar.

Não podemos chamar então de "plantão" os atendimentos lá feitos, porque na verdade se configuram enquanto um híbrido entre o trabalho que nos propusemos a fazer e o trabalho que os estagiários do direito estão acostumados a fazer.

É interessante notar que neles há uma tendência muito pragmática: resolver o problema. Tendência que se traduz numa vontade muito terna de cuidar do outro. O conceito de cuidar, todavia, é diferente para psicólogos do LEFE e advogados do DJ. Beatriz e Jerônimo, dois dos estagiários que mais requisitavam nosso trabalho, que como gosto de dizer, se não eram um paradigma do DJ, eram um paradigma do DJ que a nós se deu a ver, servem para uma análise mais exemplificativa dessa perspectiva que aqui tento trazer.

Jerônimo, ao atender, certa vez, um senhor de idade, que queria livrar-se de uma pistola antiga, mas não tinha nenhuma licença para transporta de armas de fogo (o que configurava porte ilegal), dispôs-se a acompanhar o homem até a delegacia para resolver o problema. O senhor apresentava também uma certa confusão quanto à situação que expunha: achava que os vizinhos tramavam contra ele, que as pessoas na rua queriam sua arma para fazer-lhe mal, o que contribuía para dificultar a possibilidade de entrega da arma e resolução do problema pelo senhor. Mais tarde descobrimos que Jerônimo levou-o até a delegacia no próprio carro, responsabilizando-se pelo transporte "ilegal" da arma.

Beatriz, por sua vez, em um atendimento que fez comigo, tentava propor a uma assistida que fizesse uma visita ao neurologista, dispondo-se, para a isso, a acompanhá-la e ficar na sala de espera. Como estava junto nesse atendimento, e tomado por todas as questões da complexidade dessa assistida, me foquei tanto nela que esqueci de olhar para a Beatriz. Na parada de meio, minha supervisora de campo perguntou o que nela despertava essa necessidade de fazer tanto pela outra, uma vez que a assistida já havia demonstrado o interesse em ir ao médico, e tinha plena capacidade de ir sozinha.

Nesse mesmo atendimento, que de alguma forma me captou muito, e aqui eu quero fazer o gancho pra falar um pouquinho da complexidade dos fenômenos e dos sujeitos, cheguei a conversar com o Jerônimo antes de entrar, e ele me explicou um pouco qual era a demanda jurídica da assistida, que podemos aqui chamar de Ju (de fato, não me lembro o nome dela, o que também não é importante para a nossa discussão e protege a identidade da assistida). Ju era funcionária de um antiquário do tipo "família vende tudo", morava no local de trabalho e dependia desse salário pra tudo. Chegou lá porque a patroa queria mandá-la embora e ela queria saber dos seus direitos. Jerônimo me disse que chegou a visitar esse lugar depois da primeira entrevista da

senhora lá no DJ, ressaltando de novo esse caráter de cuidado que é um pegar no colo.

E então eu entrei pra atendê-la. E o que eu encontrei lá foi uma mulher fantástica, uma pessoa do tipo que eu gosto de chamar de "totalmente empatizável", daquelas que você quer levar pra casa e se certificar de o mundo vai ser um lugar bom para ela dali pra frente; ela tinha claramente algum problema motor, degenerativo, tinha uma certa dificuldade de fala, usava bengala pra andar, mas, curiosamente, há até uns 5 anos atrás ela tinha sido modelo internacional, contando-me que até trabalhou com "a Gisele"; teve muita fama, e em decorrência disso usou muitas drogas. A única pessoa da família que sabia disso tudo era a mãe, e o seu ponto de virada foi vê-la dentro do caixão, data em que resolveu largar as drogas e mudar de vida. Em resumo, depois de um longo percurso ela conheceu um rapaz, teve um filho com ele e, em seguida, começaram os problemas de saúde. Quando o seu filho tinha alguns dias de vida ela o derrubou dos braços "sem querer", a sogra assistiu ao episódio e, ela e o filho (pai da criança), expulsaram Ju de casa, ficando com a criança. e o grande sonho dela ela criar as condições materiais necessárias pra poder cuidar desse filho, ela falava dele com um amor, que era muito tocante.

O fato era que ninguém sabia realmente se ela tinha algum problema neurológico degenerativo, diagnosticado, que a impediria de cuidar do filho num futuro próximo, ou se era uma deficiência motora decorrente do uso passado de drogas pesadas. Entrei naquele atendimento para entender a situação de uma mulher que estava prestes a ser despejada, mas me deparei ali com a briga de uma mulher com o mundo pra provar que era capaz de cuidar do próprio filho; o problema é que ninguém acreditava nela para tal. Tudo que expôs naquele atendimento foi no sentido de criar as condições materiais necessárias pra poder cuidar desse filho, do qual ela falava com muito amor, chegando inclusive a mostrar-me uma foto de infância do garoto.

E hoje analisando esse atendimento em retrospecto – e eu acho que por isso ele é tão importante pra mim –, vejo que quando eu a achei assim tão fantástica, e fiquei com tanta vontade de ajudar aquela mulher, assim como a Beatriz, acabei de alguma forma calando essa mulher, que, na demanda do atendimento, clamava por emancipação, mas que a ela foi oferecido um cuidado que a destituía da posição de cuidar de si, tanto por parte da estagiária do jurídico, quanto por minha parte, que me vi captado na experiência de cuidado daquela instituição. Essa pequena cena me fez rever as minhas práticas de atendimento, tomando cuidado não só pra olhar pro paciente, mas pra olhar pra forma como eu olho o paciente, o que também pode dizer muito daquele encontro que se dá no momento do atendimento.

Acho que o que tentei trazer aqui por meio desse percurso e desse pequeno exemplo, que poderia ter sido acompanhado por alguns outros também bastante demonstrativos, foi esse estatuto do "cuidar" que cada profissão que lida com o sujeito, seja na área da saúde, seja na área da assistência social, pode empregar. Não há erro em nenhuma delas, a perspectiva dos psicólogos do LEFE não era melhor do que a que no DJ se utilizava, e por isso nosso papel ali não deveria ser o de promover uma espécie de troca nas práticas da instituição. As ferramentas do cuidar oferecidas são válidas justamente na medida em que podem ser apropriadas pelo sujeito que as demanda. Tal consideração leva a pensar na própria prática de atendimento em plantão, que não é contrária à psicoterapia, mas a ela alternativa, bem como a não pensar as duas práticas como dicotômicas, mas apenas duas modalidades das muitas que se podem dar no encontro com aquele que traz uma queixa. Nesse sentido, apresentei aqui não o plantão no DJ, mas um plantão, o do DJ.

## Experiência como supervisora de campo no Departamento Jurídico à alunos da graduação

Andrea C. Morganti

Assim como o LEFE, o DJ é um projeto de extensão e é composto por estagiários de direito (EDir) da Faculdade São Francisco, que presta serviço jurídico à população de baixa renda. Há uma estrutura bem definida, organizada e coordenada pelos próprios alunos que contam com orientação de advogados formados sob esquema de plantão semanal; são esses mesmos advogados que assinam os processos jurídicos.

O estágio da psicologia no DJ, atravessado pela parceria histórica com aquela instituição e, afinados com a proposta do LEFE, organizou-se para atender à instituição em modelo de plantão psicológico<sup>7</sup> semanal, com duração de duas horas por dia. Em todos os plantões eu supervisionava os estagiários de psicologia (EPsi) em campo. Isso incluía a supervisão clínica dos atendimentos bem como o cuidado à pessoa do estagiário: impossível tratar uma coisa sem estar implicada, indistintamente, a outra. No meu ponto de vista, essa é uma atenção essencial para o supervisor.

O pedido por um serviço de psicologia no DJ aconteceu porque se diziam preocupados em oferecer um atendimento de qualidade à população. Qual era o sentido desse pedido? Desde o início sabíamos que, estando no modo do plantão psicológico, estávamos abertos para atender qualquer pessoa que nos chegasse desde que vinculada à instituição: os assistidos, os estagiários de Direito e a todos os atores institucionais. Esta parceria não se propôs a estruturar um serviço de Psicologia Jurídica, mas disponibilizar um espaço de atenção e cuidado dentro do DJ.

Em um primeiro momento, apesar de existir um pedido, não estava claro quando os estagiários da psicologia "deveriam" atuar. Era pouco sabido da nossa intervenção ali, e por isso, nem sempre nos chegava uma demanda explícita. Entende-se que uma instituição jurídica estava para atender a essas demandas: quem chegava à instituição chegava com um pedido direcionado à justiça. Descobrimos que nem sempre era assim. Se há uma situação onde a justiça deve ser acionada para que algo seja resolvido ou solucionado entre partes, está implícito um conflito inerente, no qual os envolvidos não dispõem das condições para lidarem com tal situação (podendo ser um outro ou o próprio Estado), sendo a parte jurídica uma ponta de todo seu enredo. Algumas dessas situações se apresentam com caráter absolutamente precários e violentos (como nos casos de abuso, violação da integridade física, disputa de guarda de filhos, abandono dos pais e não pagamento de pensão aos filhos...), que expõe a fragilidade do existir, a inospitalidade do que é ser uma pessoa no mundo que compreende regras, leis e acordos sociais para garantir uma mínima organização possível no viver em sociedade. Nesses casos, parecia ser mais fácil identificar a demanda para o plantão psicológico, embora fosse claro para mim que existiam outras demandas além dessas questões estereotipadas a serem desveladas com o tempo e atenção cuidadosa.

O contato de alunos de Psicologia com um serviço de atendimento em uma instituição não vinculada à saúde oferece a oportunidade de expandir o conhecimento sobre a contribuição da psicologia em espaços onde ela pareça menos óbvia, mas não por isso, menos relevante. Apresentava-se aí o começo do desafio: quais são as demandas, ou como atuar em plantão psicológico em um serviço jurídico? Dadas essas características peculiares da relação intrínseca dessa parceria, quase sempre as questões jurídicas-psicológicas se entrecruzam não deixando claro para os estagiários as possibilidades de intervenção prática.

---

<sup>7</sup> Modalidade de prática psicológica principal estudada pelo LEFE.

Percebemos que o pedido para ajudar o assistido era também um pedido de cuidado aos estagiários, jovens recém entrado na faculdade, ainda no embrião da vida profissional. Pouco sabiam lidar com as emoções despertadas com as dificuldades e enfrentamento humano em sua vã fragilidade despertadas no contato com os assistidos. Observávamos a dificuldade com que os EDir lidavam com o enfrentamento do sofrimento dos assistidos, sofrimento esse impassível de resolução prática. Esses jovens estudantes foram nos mostrando uma atitude de extrema necessidade em resolverem os problemas das pessoas que ali chegavam, mesmo que o problema apresentado implicasse em uma ação extra jurídica, como por exemplo, o acompanhamento em uma consulta médica. Fomos conhecendo o modo da preocupação desses estagiários: sentiam-se responsáveis por ajudar e resolver os problemas dos assistidos. Essa era uma diferença radical marcada no modo de cuidado da psicologia: enquanto os EDir atuavam no modo de uma preocupação substitutiva, os profissionais da psicologia resistiam em um cuidado liberador, que convoca o outro a cuidar de si mesmo, a achar os próprios caminhos com o recurso do pensamento meditante<sup>8</sup>.

Era uma resistência manter a atenção no cuidado liberador e não sermos fagocitados para atender às necessidades da instituição, como os próprios EDir faziam com os seus assistidos. Fomos sendo convocados por diversos pedidos conforme fomos penetrando nos espaços, transitando e ocupando a instituição. Os pedidos geralmente chegavam com o objetivo de cumprir uma finalidade específica, como por exemplo otimizar o atendimento, aperfeiçoar o processo seletivo de novos estagiários, fazer um "treinamento de empatia". Os EPsis ficavam perdidos com tais pedidos, afinal, parecia que esses pedidos descaracterizavam os plantões psicológicos. Como supervisora me via na função de manter a escuta aberta e sustentar a tensão desses pedidos sem necessariamente atender a eles, mas tampouco rejeitá-los de imediato. Não se tratava de explicar que não estávamos para aquilo, mas de atuar dentro desse pedido, identificando sua demanda ao passo em que esclarecíamos o sentido daquele pedido. Sustentar essa tensão, pelo tempo que fosse preciso, nos oferecia a possibilidade de esclarecer o sentido do pedido e a nossa possibilidade de intervenção sem descaracterizar a atitude de cuidado.

Nesse ponto faço uma observação importante: se a cada vez nos era solicitado um pedido de nova intervenção, isso revelava a confiança da instituição no nosso trabalho, independente do sentido que se desvelaria do pedido. Além de que, o fato de a nossa presença frequentemente mobilizar questões, me fazia acreditar que a circulação desses movimentos apontava para uma condição institucional saudável, diferente de processos adoecidos-rígidos-instituídos.

Sustentar essa tensão com os alunos da graduação nem sempre é fácil. Afetados pelo ritmo de agilidade em resolução de problemas e efetividade no modo de cuidado dos EDir, fui notando nos nossos estagiários uma contradição entre: 1. a preocupação de não descaracterizar a nossa ação como plantonistas *versus* 2. atender aos pedidos que nos chegavam. Percebia que quando os EPsi "só" atendiam como plantonistas, não raro ficava uma sensação de vazio, de terem feito pouco ou algo insignificante, de não terem realizado o que os EDir queriam, ou de não terem cumprido uma resolução prática como os EDir faziam. Validar uma prática da psicologia também é papel do supervisor. Favorecer a abertura de um campo na experiência é o lugar onde será possível compreender os espaços que articulam sentido para a intervenção da psicologia. Desse modo, a supervisora é a agente que deve cuidar para manter sempre à mão essa atenção; é quem corporeifica o diálogo entre instituições atendida e instituição de origem (LEFE) e trabalha na homeostase dessa interface. Assim caminhava para garantir que

---

<sup>8</sup> É coerente pensar que mesmo existindo no DJ a possibilidade de encaminhar os processo a um procedimento alternativo à justiça tradicional, como a mediação de conflitos, que implica os atores do processo a buscarem os próprios acordos, era uma medida pouco indicada.

não desviássemos da nossa proposta sem enrijecer os processos, sem ensurdecer para a instituição.

Fui entendendo que o meu papel como supervisora era estar atenta não só ao pedido explícito mas também às demandas institucionais que se davam a ver em suas sutilezas. Isso permitiu uma visão mais ampla da instituição e abriu a preocupação e a necessidade de transitarmos mais livremente pelos espaços em uma disposição de serenidade. Nesse modo, pudemos ir construindo uma cartografia da instituição DJ: seus atravessamentos, seu modo de funcionamento, o modo como se davam as relações ali dentro e, como o fator **tempo** era um vetor fundamentalmente presente em todos os processos.

Estar inserido nesse contexto desperta a atenção para a escuta e intervenção psicológica em todas as situações experienciadas e testemunhadas na instituição, observando os atravessamentos psicológicos presentes nas relações dos alunos entre eles, entre a própria diretoria, e na relação com os assistidos. A presença do estagiário de psicologia no DJ oferece a oportunidade de analisar as perturbações sofridas pelas pessoas dessa instituição como um organismo-unidade como um todo, sensível às questões emergentes *da* e *na* instituição. Fomos acompanhando, em certo período, que uma situação grupal evidenciava os abalos histórico-sociais que afetavam a instituição.

Se a nossa presença poderia oferecer aprendizagem e transformação, passei a observar em que medida também poderíamos aprender na nossa relação com eles e com o modo de funcionamento daquela instituição, tão diferente do ambiente da psicologia.

O modo de resolver as questões de maneira sistemática foge às características do plantão psicológico, mas me parecia uma boa oportunidade de trazer para os EPsi que a objetividade, que ter uma organização sobre alguns procedimentos de estágio e que são da ordem profissional, não contradizem as especificidades da psicologia, mas antes, favorece uma presença profissional e séria. É comum na faculdade de psicologia pessoas acostumados ao excesso de "compreensão" do outro, confundindo alteridade e sensibilidade com descompromisso e desrespeito. Ter uma postura profissional que transmita a seriedade do trabalho da psicologia é fundamental para conquistarmos espaço na sociedade e ganharmos o respeito pelo nosso ofício. Acredito que o ser psicólogo enfrenta ainda uma posição militante na sociedade de reconhecimento do nosso trabalho e valorização dessa profissão. Acredito ainda que o estigma que ainda enfrentamos, em grande parte, é fruto de um descompromisso que, disfarçado, se diz fugir da objetividade com explicações pírias de um subjetivismo vazio. Como se "a objetividade" fosse a vilã, e no entanto, firma-se como bode expiatório da falência de um trabalho bem feito.

## **Experiência de Tutoria: uma forma de olhar e transitar pelos diferentes projetos**

*Ana Laura Ribeiro Azevedo - analaura.r.a@hotmail.com*

A Tutoria Científico Acadêmico é um projeto desenvolvido por um conjunto de docentes o qual é oferecido especialmente para os alunos do primeiro ano da graduação. Diversos professores apresentam seus projetos – que incluem graduação e pós-graduação - nas perspectivas de ensino, pesquisa e extensão. O aluno poderá escolher um entre os diversos projetos para participar durante um ano, de forma que além de ser introduzido na vida universitária para além da sala de aula, o aluno encontrará na figura do seu Tutor uma referência e espécie de guia para este início tão difícil da graduação.

O projeto de Tutoria oferecido pela professora Henriette é fundamentalmente uma proposta de transitar pelos diferentes projetos do LEFE – Plantão Psicológico no Hospital Universitário, no Departamento Jurídico da Faculdade de Direito da USP e no Atendimento de Plantão Psicológico no CEIP. Além disso, é esperado que o aluno frequente as aulas teóricas do LEFE, e também faça as supervisões de estágio semanalmente, de forma que o tripé atendimento, supervisão e teoria seja garantido. Como a participação em cada projeto do LEFE dura um semestre, a tutoria neste caso acabou durando mais do que um ano, sendo que hoje, mesmo eu já estando no terceiro ano da graduação, me considero ainda tutoranda, pois minha meta inicial de passar por todos os projetos ainda não foi completamente atingida. Além disso, me considero tutoranda por acreditar que o vínculo tutor-tutorando vai muito além do ano inicial da graduação, sendo esta parceria algo constante em todos os anos da graduação.

Comecei a Tutoria no primeiro semestre de 2014. Felizmente consegui ficar no projeto que tinha escolhido como primeira opção. A escolha foi feita principalmente pelos locais em que o projeto se aplicava: Hospital Universitário, Departamento Jurídico e CEIP. Em função da greve de 2014 que durou quase quatro meses, nós, tutorandos deste projeto, ficamos o ano todo no APP – Atendimento de Plantão Psicológico. Nas primeiras semanas participamos principalmente ouvindo as supervisões e fazendo diários sobre a experiência de participar do projeto (mesmo que só ouvindo sobre os plantões). Considero este momento como de extrema importância, uma vez que nele fomos entendendo como se estruturava e o porquê do plantão psicológico, a dinâmica proposta pelo LEFE, etc. Só depois de um mês, aproximadamente, comecei a atender (em dupla, com uma pessoa mais experiente).

Entender o sentido do Plantão, no entanto, não foi uma tarefa fácil. Apenas com o tempo, depois de muitas supervisões, diários e atendimentos, pude ressignificar as minhas pré-noções (por exemplo que apenas psicoterapia pode ter um valor interventivo de fato, que apenas um encontro não é suficiente para mudar as pessoas, etc.) percebendo que uma intervenção psicológica não necessariamente é sinônimo de cura. O plantão serve como um momento de reflexão para quem se submete à ele, de forma que a pessoa possa olhar para si mesma por alguns momentos, atentando para sua existência, para sua forma de ser no mundo.

Acredito que a maior questão destes dois semestres de APP, logo no início da minha graduação, foi o fato de não me achar capaz e preparada para atender no primeiro ano, já que não tinha tido quase nenhum contato com a teoria e me julgava

inexperiente. Apesar dos atendimentos serem sempre em duplas e termos uma supervisão no meio dele, me senti insegura e despreparada em diversos momentos. Em grande parte dos atendimentos fiz poucas colocações e mal me posicionei, por achar que falaria algo sem sentido ou embasamento teórico. Contudo, apenas depois de um tempo, foi que eu comecei a compreender o sentido de atender ainda tão cedo na graduação.

Quando estamos em um atendimento, devemos tentar nos despir o máximo possível das nossas prenoções para que o encontro com aquela pessoa não seja “bloqueado” por um apego às teorias, preconceitos, permitindo que consigamos ir de encontro com as demandas reais trazidas por esta pessoa. Além disso, me considerar experiente por nunca ter atendido ou ter tido contato com teorias, desconsidera o fato de que tenho sim uma grande bagagem de experiências, por toda minha trajetória, por tudo que vivi até o momento. Essas experiências que carrego – e que acabam por guiar o meu modo de ser no mundo e de ser plantonista - me auxiliarão no contato com o outro. Apesar disso não dar conta de tranquilizar completamente a pessoa que se sente inevitavelmente despreparada em alguns casos, como eu, por toda questão de vivermos em uma sociedade que prioriza o saber teórico em detrimento do prático, a própria vivência de um plantão possibilita que a cada atendimento, nos sintamos mais preparados para o próximo e também mais capacitados para teorizar e narrar sobre estas experiências.

Passado esse ano de muitos questionamentos e inseguranças participando do APP, no primeiro semestre de 2015 participei do Plantão Psicológico do Departamento Jurídico da Faculdade de Direito da USP, o que permitiu enxergar o plantão em outra perspectiva. Enquanto no CEIP, vemos uma procura direta do cliente pelo atendimento, nesta Instituição nem sempre o processo ocorre desta forma, havendo casos em que o serviço da Psicologia é requisitado pelos estagiários de Direito para os “assistidos”, ou casos em que acompanhamos o aconselhamento jurídico, o que acaba tornando difícil identificarmos a real demanda que o cliente traz, e se de fato existe uma demanda. No APP, isto costuma ser mais fácil, já que quem busca o atendimento geralmente é o cliente. Nesses casos, então, a impressão de que não tinha ocorrido um real atendimento foi frequente, além de um incomodo por não saber ao certo do que se tratava o problema real que o cliente trazia, impossibilitando o trabalho do plantonista, exposto acima, de auxiliar a pessoa em seu olhar para si mesma e sob suas questões.

Além disso, no DJ, mais do que em qualquer outro projeto vemos os atravessamentos sociais de forma muito clara. Por ser voltado para um público de baixa renda, em geral, há muitos casos em que moradores de rua, por exemplo, procuram auxílio jurídico. Logo estas pessoas que não se adequam ao padrão de normalidade – os “loucos” - são encaminhados diretamente para o Plantão psicológico, o que aponta para uma dificuldade do serviço disponível no DJ de lidar com um público que foge do convencional. Além disso, há uma forte hierarquização no local: calouros, que são subordinados a estagiários que são subordinados a diretores (todos são alunos). Os calouros eram os que mais se comunicavam conosco, trazendo muito a questão da inacessibilidade aos diretores e estagiários, diziam se sentir pouco a vontade com estes e que tinham dificuldade em colocar a forma com que pensavam. Isso acabava por limitar bastante a nossa atuação, já que os diretores eram muito pouco acessíveis e cabia mais aos calouros o contato com a Psicologia quando estes achavam necessário – geralmente eles indicavam possíveis clientes. Embora o plantão fosse oferecido para

a população em geral do DJ (não só aos assistidos, também para os alunos de Direito e funcionários), foram raras as vezes em que algum aluno ou funcionário procurou o plantão por motivos próprios, o que pode apontar para o quão estigmatizado acabou se tornando o plantão no DJ, como algo para os “loucos”. Ao meu ver, esta parcela da população do DJ não via o plantão como algo que pertencia a eles também.

Depois deste semestre no DJ, participei do Plantão Psicológico no Hospital Universitário. No HU, diferentemente das outras Instituições nós saímos em busca de pessoas que, de alguma forma mostram estar precisando de uma conversa, de pessoas que mostrem ter um *olhar demandante*. Neste sentido, mais do que em qualquer outro projeto, no HU o nosso olhar/feeling enquanto plantonistas deve ser o mais apurado e sensível o possível, atento para qualquer sinal deste olhar demandante, o qual pode se mostrar tanto de forma escancarada como numa leve sutileza. Devemos, mais do que nunca, estar disponíveis para compreender, para nos afetar pelas percepções, sentimentos, interpretações, mudanças, escolhas e decisões mostradas pelo cliente, ficando aberto para o próprio experimentar como forma de compreensão.

Passei o semestre todo inquieta, incomodada, tentando entender qual é o real sentido do plantão naquela Instituição. Talvez, o que gerou tanto estranhamento em mim, depois de passar pelos projetos do Departamento Jurídico (DJ) e pelo APP, foi a forma com que se dá o estabelecimento do atendimento, já que somos nós plantonistas que saímos em busca de alguém para atender. Isso vai bastante contra aquilo com o que somos ensinados o tempo todo nas matérias da Graduação, já que estas frisam o fato de que quem deve buscar o atendimento é o cliente – ele deve trazer suas queixas e então nós devemos trabalhar em cima delas, chegando até a real demanda que esta pessoa traz. Acredito que de alguma forma, esta visão acabou invadindo a minha forma de compreender o plantão, deixando-me angustiada em tantos momentos. Foi muito difícil no começo abordar as pessoas (por mais disponíveis que elas parecessem para conversar), pois não conseguia tirar de mim a impressão de que eu estava sendo invasiva e intrometida.

Posso dizer que foi um semestre de bastantes incertezas sobre o meu papel naquele lugar, sendo que me senti em uma posição que demandava de mim (mais do que em outros lugares) muita cautela e atenção com o que e quem eu falava. Isto porque uma das minhas grandes preocupações nesta dinâmica de ir atrás das pessoas, é a questão de, de alguma forma, provocar algum sofrimento ainda maior nas pessoas com quem conversamos. Muitas das pessoas evitam falar sobre o que estão passando naquele momento de crise, justamente porque a dor é muito grande para ser colocada para fora naquele momento, e acho um pouco injusto da nossa parte, tentar fazer com a que a pessoa fale sobre o seu problema para nós, para depois de alguns minutos, sem conseguirmos mudar factualmente a dura realidade que a pessoa enfrenta, irmos embora para nunca mais voltar. Eu entendo a importância de que as angústias sejam colocadas para fora, mas em alguns momentos de crise extrema, acredito que temos que ter muito cuidado para não colocar a pessoa em um contato ainda mais profundo com seu sofrimento (o qual ela já é ciente). Por isso, no HU, como dito acima, em diversas vezes me senti em uma “corda bamba”, com medo de cruzar uma fronteira capaz de gerar mais sofrimento em quem conversamos.

Outra questão trazida em minha vida pelo HU, foi pela primeira vez estar em contato com o sistema de saúde pública e toda as suas vicissitudes, me deparando com muitas injustiças e mais uma vez o tão difícil sentimento de impotência. Neste semestre, acompanhamos toda a crise que o HU enfrenta, com o corte de verbas e funcionários,



e é possível dizer que isto esteve diretamente ligado com nossos atendimentos. Outra questão do HU, que apareceu bastante no DJ também, foi a falta de uso do nosso serviço por parte dos funcionários, era como se eles não sentiam que o serviço pertencesse à eles – o que acho que deve ser trabalhado, reformulado.

De uma forma geral, por mais que este semestre tenha trazido muitos questionamentos para mim, sobre meu papel naquele local e o sentido do plantão no HU, posso dizer que nenhum outro projeto me fez refletir mais sobre o meu modo de ser plantonista do que o HU. Como disse acima, o plantão (para além da definição de dicionário) tem esta analogia com um plantão (árvore grande), capaz de proporcionar uma sombra para aqueles que passam por ele, dando um momento para refletir sobre as questões, repensar sobre sua forma de ser-no-mundo. Neste sentido, o HU foi o maior dos plantões que eu passei até agora nesses dois anos de LEFE, me proporcionando uma nova visão sobre o papel do psicólogo em instituições, o que é ou não um atendimento, saber que o sentimento de impotência é inerente ao nosso fazer, etc.

Neste semestre participo de um novo projeto, a cartografia do CRUSP, que consiste em visitas ao CRUSP e a população de lá, para que possamos entender (por meio do contato com o local, com as pessoas que lá moram e trabalham) quais são as demandas existentes e de que formas poderemos articular isso para montarmos um serviço que possa servir a essas pessoas e seus sofrimentos.

A experiência da Tutoria em minha vida acadêmica tem sido algo extremamente enriquecedor e de grande aprendizado. Em um curso que prioriza um conhecimento teórico como base necessária para o prático (que só deve ocorrer em etapas finais da graduação), o projeto de LEFE se mostra como algo totalmente inédito. Neste semestre também retorno ao APP agora com uma nova visão sobre os projetos, uma nova percepção sobre a minha *forma de ser plantonista*. A forma com que cada um é plantonista é única e é formada ao longo do tempo, de acordo com as experiências que este vivencia. Portanto, o modo de ser plantonista de cada um não “é” um modo fixo e sim um “como” cada um o é, uma vez que este é processual, dependendo das experiências que esse já passou na vida, da forma com que seu olhar para com o outro e para si mesmo foi construído pelos atravessamentos destas experiências. Assim sendo, a Tutoria como uma forma de olhar e transitar pelos diferentes projetos está não só ligada a uma possibilidade de ter uma noção global do projeto de extensão do lefe, quais as convergências e divergências entre os projetos, mas principalmente está atrelado diretamente a uma possibilidade de conhecer como sou eu plantonista, como sou eu no mundo.

## **Projeto HU: Um relato das experiências, possibilidades e dúvidas do plantão**

*José Barbosa - jose.barbosa.silva@usp.br*

Fazer plantão psicológico por si só implica em destoar, das formas mais clássicas e reconhecidas do fazer psicológico. Para isso é fundamental saber os pontos fortes e as limitações desse fazer. E mesmo falando que o plantão é uma ruptura no fazer hegemônico, ainda assim há modalidades mais difundidas e outras menos conhecidas e reconhecidas.

Trazendo a realidade do plantão do LEFE (Laboratório de Estudos Fenomenológicos), no CEIP (Centro Escola do Instituto de Psicologia- USP), há uma estrutura mais consolidada, nos procedimentos com os clientes que vem buscar o plantão, em suma, o processo de acolhimento, de plantão, supervisão se faz de forma mais estruturada. Mesmo assim, pensar em um encontro único, um encontro com dois estagiários da graduação de diferentes anos. Para alguns pode soar no mínimo peculiar, mas aos que minimamente conhecem Fenomenologia Existencial é bem provável que haja uma visão mais flexível para tentar entender essa estrutura.

E como seria fazer um plantão em um hospital? As paredes das salas de atendimentos não existem mais para gerar mais segurança e conforto aos plantonistas, e as pessoas não são mais os que inicialmente entram em contato, pelo menos na maioria das vezes. Os corredores do hospital, as diferentes alas e andares, todos são locais potenciais ao encontro entre cliente e plantonista. No entanto, é fundamental com base nisso descrever quem é considerado cliente no escopo do Plantão Psicológico do HU (Hospital Universitário da USP): Cliente não será mais apenas o ser internado, o usuário dos serviços da clínica médica, o plantão possibilita um local de escuta e acolhimento, para todos os usuários do serviço, internados ou não, aos seus acompanhantes, a equipe de funcionários, sejam eles da área da saúde, cozinha, limpeza ou segurança.

O Hospital passa por um momento complicado com corte de funcionários, perda de recursos em que o ambiente fica cada vez desestruturado. Dado esse contexto de depreciação dos recursos materiais e humanos do HU, aspectos de cuidado com acompanhantes ou funcionários são ainda mais esquecidos, em que o único foco é a ferida física e/ou fisiológica do cliente do hospital.

Com base nesse retrato simplificado é que vemos o campo de atuação dos plantonistas no Hospital Universitário que sempre trabalham em duplas e são supervisionados, para assim poder ter, com certo apoio, uma liberdade de percorrer diferentes ambientes do hospital lidando com as diferentes demandas desse campo. O HU, como qualquer hospital, é um espaço de grande sofrimento, sentimento de abandono, ruptura com o cotidiano, de enorme fragilidade aos clientes e também as seus acompanhantes, o cuidado médico, mesmo sendo fundamental para a melhora do indivíduo, não abarca o sofrimento que antecede a vinda ao centro de saúde, e que nesse ambiente se intensifica.

Mostrar esses aspectos do plantão não significa que ele se constitua como uma forma ideal ou quase perfeita, pelo contrário, viver o plantão significa ver várias limitações e intercorrências que fazem dessa modalidade de plantão tão diferenciada. Situações que ilustram isso são, por exemplo, tentar um atendimento com trabalhadores

no meio de sua jornada de trabalho, pressionados pelos seus afazeres cotidianos, ou qualquer tipo de receio de ser visto por um superior fazendo “cera”, enrolando ou qualquer tipo de adjetivo vinculado ao não cumprir corretamente seu trabalho. Esse é um desafio que nunca foi superado, todavia, isso não significa que o encontro entre o funcionário e os plantonistas não existam, mas com certeza as limitações de tempo de espaço são bem maiores, e sempre fica a dúvida se encontros mais restritos se configuram como um plantão psicológico, até agora a equipe que trabalha no HU não sabe responder tal questionamento.

A dúvida o que seja ou não um plantão com funcionários, muitas vezes é levantada com acompanhantes e clientes do hospital, pelas varias intercorrências, rupturas ou desfechos repentinos no encontro com os plantonistas dada a dinâmica complexa que existe em uma instituição desse tipo.

Outro desafio do plantão é saber balancear duas perspectivas que sempre atravessam o plantonista: de um lado ter consciência de sua limitação enquanto ser em relação com outra pessoa e, que nessa relação momentânea, há uma possibilidade de elaboração e respeito ao sofrimento do cliente, mas que de nenhuma forma o plantonista tem o poder de transformar a vida do seu cliente seja para o bem ou para o mal. Por outro lado, é um local em que há uma atmosfera de fragilidade, desespero e desamparo, e fazer apontamentos mais delicados nessas situações durante os plantões, gera um dilema nos plantonistas, e o proceder é muito delicado. No ofício clínico, o plantonista não tem um equipamento que faz um aviso sonoro quando deve ser a hora de continuar ou de mudar de assunto, é uma questão subjetiva, que se expressa no momento, e que as vezes gera conflitos de opiniões entre os próprios participantes do projeto.

Mesmo com todas essas dúvidas, o que se mostra mais enriquecedor do Plantão do HU, é que ele possibilita um espaço de estranheza, algo anormal no contexto hospitalar, destoante até mesmo da psicologia hospitalar, e é um gerador de ruído em corredores silenciosos, e pode ser um momento acolhedor em um ambiente inóspito. Uma situação vivida ilustra bem a questão do estranhamento: Em um plantão, estava passando pelo quinto andar, e em uma sala em que podem ficar usuários internados e acompanhantes, três internados estavam vendo TV, sem grandes pretensões de interromper o momento de distração deles sentei ao lado de um e fiquei em silêncio também vendo a TV, olhando para o local, mas sem encarar ou forçar nenhum contato mais explícito com nenhum dos três. Depois de alguns minutos de olhadas laterais, o rapaz que estava do meu lado começou um assunto qualquer sobre o tempo, se ia chover aquela noite etc... Logo a conversa se desenvolveu para como a vida e suas incertezas o fizeram do nada ter que ficar semanas internado, sem expectativa de alta, devido a uma tábua que bateu em sua cintura na reforma de seu banheiro, o impacto gerou inflamação com formação de pus, necessitando até de cirurgia. No meio da conversa, ao chegar a pontos relativos de coisas muito além do período no hospital, um luto devido ao falecimento da mãe, um desejo de retomar os estudos e estudar desenho mesmo isso “não dando o que comer”. Nesse momento o rapaz para a conversa e pergunta se sou médico, respondo que não e explico rapidamente o que faço no hospital. Ele pensa um pouco e decide continuar a conversa por mais uns 30 minutos quando termina o encontro.

O conteúdo da conversa não é importante, se sou médico, enfermeiro, nutricionista, não é importante, o que é fundamental é a forma de estar, como é essa forma diferente de estar no HU, aberto a uma forma incomum de encontro e de cuidado na lógica hospitalar.

## **Relato de experiência no plantão psicológico: Uma renovação do olhar**

*Morgana Vaz Dantas - vaz.morgana@gmail.com*

Iniciei o projeto no segundo semestre de 2015 como bolsista pelo cultura e extensão. Já na entrevista inicial com a professora Henriette, para seleção de bolsistas, percebi que a experiência me colocaria em uma situação de confronto com tudo aquilo que eu entendia por clínica e ser psicólogo, assim como me reconhecia. Lembro que na entrevista a professora perguntou o que tinha me levado a escolher o projeto e muito sinceramente respondi que tinha o intuito de aprender mais sobre minha profissão e a clínica e que ainda estava em dúvida entre a clínica e a psicologia social. A resposta foi rápida: Não era preciso nem deveria separar as duas coisas. Esse foi só um pequeno começo de todo um processo de desconstrução do olhar, dos mitos e crenças que tinha, e quando ingressei no plantão não esperava que esta experiência fosse totalmente renovadora para mim e que pudesse contribuir tanto para o meu autoconhecimento e amadurecimento.

Como estava no segundo ano ainda não tinha um contato muito grande com a clínica, apenas a teoria de algumas abordagens. No começo estava ansiosa para aprender mais, ver na prática aquilo que tanto nos falavam em sala de aula. Porém, nos primeiros atendimentos estar em contato com o outro, com o desconhecido, fora uma experiência que despertou muita ansiedade. Estava muito ansiosa, pois tinha medo de errar, de não prestar o acolhimento necessário, não me atentar para detalhes importantes na história, etc. Com o tempo percebi que tal desconforto e pressão eu mesma tinha me imposto e que assim começou o processo de desconstrução de expectativas que eu mesma.

Quando entrei no plantão tinha a ideia de que eu deveria decifrar o mecanismo de funcionamento do paciente e assim orientá-lo para que este conseguisse por si só resolver suas angústias. O psicólogo deveria ser treinado para identificar nas falas, gestos, “atos falhos”, estes mecanismos e assim transmitir o conhecimento para o paciente e orientá-lo. Tinha uma ideia muito “unilateral” e com o tempo percebi que deveria estar aberta para o contato com o outro e construir em meio a relação um espaço de acolhimento onde a pessoa pudesse sentar e olhar para si.

A imagem do terapeuta como conhecedor e responsável pela transformação do paciente e no controle da situação sofre uma grande mudança. Passa a estar junto, inclinado, construindo ali uma relação que possibilite uma renovação do olhar do paciente e terapeuta. No plantão, aprendi que a pessoa deve ser responsável pelo próprio cuidado e que muitas vezes esse cuidado estava vinculado a se olhar, se descobrir e reinventar novas formas de estar no mundo. Não sou eu que devo carregar nenhum paciente, mas sim oferecer um espaço para que este possa refletir sobre si mesmo, uma sombra abaixo da árvore para repousar e realizar esse movimento interno, e assim voltar a vida com mais ferramentas para encontrar seu lugar no mundo.

Outro ponto que fora essencial para mim e creio que o serviço de plantão fora importante nesse processo, fora o reconhecimento de que acertar e errar são relativos. Nas primeiras vezes ficava pensando que o atendimento não fora suficiente, que não tinha falado tudo que precisava. Com o tempo percebi que o atendimento fora construído na relação entre os presentes e que não é possível trabalhar tudo o que o paciente

deseja (ou o que eu achava que deveria ser trabalhado) em uma única sessão. Muitas vezes somente do sujeito notar e tomar para si a responsabilidade pelo próprio cuidado, bem como perceber suas reais demandas, já era suficiente. Ou mesmo permanecer junto no seu desconforto e acolhe-lo naquele momento difícil. Ainda estou aprendendo a lidar com as minhas próprias expectativas e frustrações quanto aos atendimentos, mas hoje entendo que meus sentimentos, isto é, como sou afetada pelos encontros também são importantes para compreensão e fazem parte do processo terapêutico.

O plantão também serviu para consolidar e aplicar os conhecimentos que venho tendo na teoria. Percebo que começar a atender agora auxiliou muito na aprendizagem de alguns conteúdos, como nas disciplinas de psicanálise, uma vez que pude presenciar os famosos atos falhos, chistes, mecanismos de defesa como projeção, cisão, etc. Quando leio o texto de algum autor, o que antes era relativamente nebuloso, agora consegue compreender melhor e relacionar com os atendimentos. Claro, não restrinjo uma pessoa a alguns conceitos de determinada abordagem, mas é interessante observar alguns conceitos na prática. O mesmo aconteceu com as conversas com os alunos e com os supervisores. O contato com a equipe foi muito importante e agregou muito. Aprendi várias coisas nesta relação que com toda certeza sei que levarei para o resto da vida acadêmica e profissional.

Não somente a minha crença do que era ser psicólogo, mas o próprio formato do projeto também confrontou muito o meu entendimento sobre encontros terapêuticos. Antes tinha uma ideia voltada para a clínica clássica: tratamentos a longo prazo, em um espaço apropriado (com divã, poltronas e uma mesa) em um tempo de sessão determinado. A ideia de que este seria possivelmente um encontro único, sem um tempo determinado, deixava-me no início extremamente ansiosa. Aqueles sentimentos de errar e não fazer o suficiente, como supracitado, eram acentuados. Lembro que no começo também insistia na ideia de que muitos ali deveriam seguir uma psicoterapia (apesar de não dizer isso aos pacientes) e me assustava com o fato de que alguns que achava que precisavam desse tipo de tratamento não voltavam. Esse fato também contribuiu para a desconstrução da ideia inicial de que o psicólogo sabe o que é necessário e válido para todo paciente.

Contudo, nem tudo fora um confronto. O fato de se um atendimento em dupla me reconfortou várias vezes. Saber que não estava desamparada, que eu poderia contar com o seu apoio e orientação, que se estivesse mal ele poderia me auxiliar foi muito confortante. As pausas de meio também. Muitas vezes foi o momento que consegui cuidar de mim e poder relaxar antes de entrar no atendimento novamente. As supervisões também, apesar de algumas gerarem certos desconfortos, no geral auxiliaram bastante para renovar o olhar sobre determinada situação e compreender como aquilo havia me afetado

Outro aspecto importante que fora ressaltado no momento do plantão fora a necessidade de me cuidar. Percebi em alguns atendimentos uma identificação muito forte e que certos assuntos me deixaram fragilizada. Percebi o quanto estava procrastinando meu próprio cuidado, o quanto tinha situações mal resolvidas comigo mesma, e estar nesta situação de atendimento me fez refletir e me motivou a procurar ajuda. Inclusive, passar pelo plantão, observar como isto mudou a maneira de me enxergar e de me relacionar com os outros e com minha própria vida me fez confiar muito mais no meu trabalho e na eficácia do projeto. Portanto, o projeto tem sido muito bom para mim, tanto para minha formação acadêmica quanto para minha formação como indivíduo, e creio que continuarei por bastante tempo com a equipe.

## **Outras comunicações apresentadas na II Jornada LEFE**

### **Quem eu atendo quando atendo um casal?**

Ms. Vítor F. Sampaio - *vfsampaio@hotmail.com*

### **Caminhos e possibilidades de ação do psicólogo com os Agentes Comunitários de Saúde**

Ms. Pedro Vitor Milanesi - *pedro\_milanesi@yahoo.com.br*

### **Forma-ação: Psicologia e a integração ensino-serviço**

Géssica Czuy - *gessica.czuy@gmail.com*